

SIMONE LEITÃO WAICHEL

A ORDEM DOS CONSTITUINTES NO ALEMÃO

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-graduação em Letras / Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Cristina Figueiredo Silva

Co-orientador: Prof. Dr. Carlos Mioto

UFSC

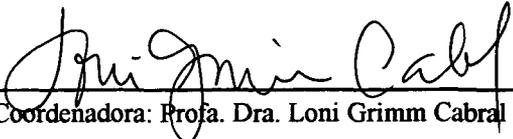
Curso de Pós-graduação em Letras / Lingüística

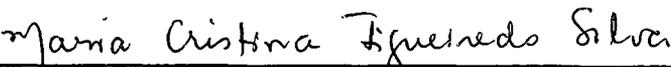
1997

SIMONE LEITÃO WAICHEL

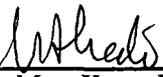
A ORDEM DOS CONSTITUINTES NO ALEMÃO

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do grau de mestre em Letras/Linguística e aprovada em sua forma final pelo programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

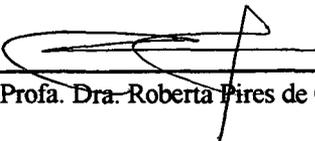

Coordenadora: Profa. Dra. Loni Grimm Cabral


Orientadora: Profa. Dra. Maria Cristina Figueiredo Silva - UFSC

Banca Examinadora:


Profa. Dra. Mary Kato - UNICAMP


Prof. Dr. Carlos Mioto - UFSC


Suplente: Profa. Dra. Roberta Pires de Oliveira - UFSC

Florianópolis, 15 de agosto de 1997.

À inesquecível Vera Michelin Rossellet

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à professora Angelika Gärtner, que me incentivou a seguir a carreira acadêmica enquanto destacou os meus talentos no período da graduação e me orientou na escolha do curso de mestrado.

O apoio e a aprovação que recebi de minha família foram, sem dúvida, a alavanca propulsora do meu empenho na realização deste trabalho.

Quero agradecer ao professor Carlos Miotto por ter despertado em mim a paixão pela sintaxe. O meu agradecimento mais especial é dirigido à minha orientadora, a professora Maria Cristina Figueiredo Silva. Mais importante do que todo o conhecimento e experiência que ela me transmitiu foi a postura confiante que ela assumiu em relação à minha pessoa e ao meu trabalho.

“As pessoas mais felizes são aquelas que conhecem a alegria de trabalhar e estudar. O trabalho e o estudo são os meios pelos quais o homem, ao mesmo tempo que beneficia outras pessoas e o mundo, beneficia também a si mesmo e faz progressos, experimentando uma imensa alegria em seu coração.”

Masaharu Taniguchi

Resumo: Análise da ordem dos constituintes no alemão segundo o quadro teórico da TRL. Utiliza a análise simétrica, que assume o alemão como uma língua V-2, cuja ordem subjacente corresponde a SOV. As projeções verbal e flexional (VP e IP) são núcleo-finais em alemão. A projeção de complementização (CP) sempre é projetada em alemão e deve ser preenchida obrigatoriamente. Apresenta ainda a análise assimétrica e a análise de V-2 dentro de IP.

Palavras-chave: alemão; ordem; sintaxe

Abstract: Analysis of the german word order in the LGB theoretical framework. This work assume the simetric analysis in that german is a V-2 language with SOV underlying order. The verbal and inflexional projections (VP and IP) are final-head in german. The complementizer projection (CP) is always projected in german and it must be filled. This work shows in addition the assimetric analysis and the analysis of V-2 within IP.

SUMÁRIO

1. Introdução	02
2. A análise da Gramática Tradicional	03
2.1. A ordem dos Constituintes no Alemão: a Posição do Verbo	03
2.2. A sentença alemã	05
2.3. Algumas Considerações sobre o Paradigma Verbal do Alemão	08
2.3.1. O Passado Composto	08
2.3.2. Compostos Verbais Separáveis e Inseparáveis	09
3. A Teoria Gerativa	13
4. A Análise da Gramática Gerativa (na versão T.R.L.)	24
4.1. Observações gerais sobre Verbos	24
4.2. A Assimetria Raiz/Subordinada	27
4.3. Sentenças Interrogativas e Imperativas	46
4.4. Sentenças não-finitas	63
4.4.1. O Particípio I	63
4.4.2. O Particípio II	64
4.4.3. As Sentenças Infinitivas	64
4.4.4. O Complexo Verbal	67
5. Análise SOV x Análise SVO	73
6. Conclusão	82
Referências Bibliográficas	84

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho versará sobre a ordem dos constituintes em alemão. A primeira parte consta de uma apresentação da língua alemã, organizada segundo a Gramática Tradicional. A segunda parte se desenvolverá segundo o quadro teórico da Teoria da Regência e da Ligação (TRL) (Chomsky 1981,1986), descrevendo alguns dos mais importantes fenômenos sintáticos desta língua.

No capítulo 2 apresentarei a análise da Gramática Tradicional sobre a ordem no alemão. A posição do verbo, alguns aspectos do paradigma verbal e a estruturação da sentença serão abordados.

No terceiro capítulo farei uma exposição de alguns módulos da Teoria Gerativa que serão utilizados na análise da ordem dos constituintes. Neste capítulo serão apresentados a teoria X-barra, os níveis de representação, o parâmetro núcleo-final e o fenômeno V-2, entre outras noções básicas.

No quarto capítulo analisarei a ordem dos constituintes no alemão no espírito da TRL. Abordarei a assimetria entre a ordem da sentença raiz, que apresenta o verbo finito na segunda posição, e a da encaixada, que via de regra apresenta o verbo finito na posição final. Examinarei também as sentenças que apresentam a ordem V-1. Além de apresentar as diferentes ordens, apresentarei as regras de movimento que atuam sobre os constituintes sentenciais, derivando tais ordens.

No quinto capítulo apresentarei a análise assimétrica, que descreve o alemão como uma língua SVO. Eu assumirei, no entanto, a análise simétrica como a melhor opção para descrever e analisar a sintaxe da língua alemã. Esta análise descreve o alemão como uma língua V-2, cuja ordem subjacente é SOV - e explica as sentenças V-2 como CPs.

2. A ANÁLISE DA GRAMÁTICA TRADICIONAL

2.1.. A ORDEM DOS CONSTITUINTES NO ALEMÃO: A POSIÇÃO DO VERBO

Em alemão o verbo pode apresentar-se em três posições diferentes na sentença: como primeiro constituinte, como o segundo constituinte, ou ainda como o último constituinte. Em outras palavras, em alemão o verbo pode ser **V1**, **V2** ou **V-final**. A posição em que o verbo se apresenta parece ter uma relação com o tipo de sentença. Veja o quadro abaixo:

sentenças V1	sentenças V2	sentenças V-final
- imperativas	- raízes declarativas	-encaixadas com complementizador
- interrogativas sim/não	- interrogativas-Wh diretas	- interrogativas-Wh indiretas
- condicionais sem conjunção	- encaixadas sem complementizador	- infinitivas

Observe os exemplos de V1, V2 e VF em (1), (2) e (3), respectivamente.

- (1) a. *Fahr* doch du mal.
vá (de carro) tu logo
'Vá logo.'
- b. *Fährst* du heute?
vais tu hoje
'Tu vais hoje?'
- c. *Hätte* ich Geld, würde ich ein Haus kaufen.
tivesse eu dinheiro iria eu uma casa comprar
'Se eu tivesse dinheiro, eu compraria uma casa.'
- (2) a. Jetzt *kannst* du mal fahren.
agora podes tu ir
'Agora tu podes ir.'
- b. Wohin *willst* du heute fahren?
para onde queres tu hoje ir
'Para onde tu queres ir hoje?'

- c. Ich glaube, es *wird* bald besser werden.
 eu acho expl será logo melhor ser
 ‘Eu acho que logo vai melhorar.’
- (3) a. Ich weiß, daß du besser *bist*.
 eu sei que tu melhor és
 ‘Eu sei que tu és melhor.’
- b. Ich weiß nicht, was du getan *hast*.
 eu sei não o que tu feito tens
 ‘Eu não sei o que tu fizestes.’
- c. Wo du wohnst, will ich auch *wohnen*.
 onde tu moras quero eu também morar
 ‘Eu também quero morar onde tu moras.’

A sentença condicional (1c) sem a conjunção *wenn* (se) representa o caso marcado. Normalmente as sentenças condicionais se apresentam completas como em (4).

- (4) Wenn ich Geld *hätte*, *würde* ich ein Haus kaufen.
 se eu dinheiro tivesse iria eu uma casa comprar
 ‘Se eu tivesse dinheiro, eu compraria uma casa.’

Observe os exemplos de Grewendorf (1988) com tempo composto em (5):

- (5) a. *Hat* Peter zwei Maß Bier *getrunken*?
 tem Pedro dois canecos cerveja bebido
 ‘O Pedro bebeu dois canecos de cerveja?’
- b. Peter *hat* zwei Maß Bier *getrunken*.
 Pedro tem dois canecos cerveja bebido
 ‘O Pedro bebeu dois canecos de cerveja.’
- c. (Ich habe gehört), daß Peter zwei Maß Bier *getrunken hat*.
 eu tenho ouvido que Pedro dois canecos cerveja bebido tem
 ‘Eu ouvi que o Pedro bebeu dois canecos de cerveja.’

Em (5) encontramos o tempo composto *getrunken hat*. Note que na sentença subordinada com complementizador (5c), os verbos do tempo composto aparecem adjacentes, enquanto nas sentenças raízes e nas interrogativas, como (5b) e (5a) respectivamente, eles aparecem separados. Esta apresentação descontínua do tempo composto tem um papel muito importante nas pesquisas sobre a sintaxe alemã.

Tomando exemplos como (5a) e (5b), notou-se que as partes descontínuas do complexo verbal servem como uma espécie de moldura para os outros constituintes da sentença. Alguns autores as chamam de “*Satzklammer*”(moldura sentencial), outros as chamam de “ponte”, existindo ainda outras designações. Para nós, o importante é perceber uma possibilidade estrutural não encontrada no português, uma vez que os tempos compostos da língua portuguesa não podem apresentar o complemento entre o verbo auxiliar e o verbo principal. Apenas certos advérbios e os pronomes clíticos podem aparecer entre o verbo auxiliar e o verbo principal. Veja os exemplos em (6).

(6) a. O Pedro já *tinha bebido* três garrafas de vinho.

b.*O Pedro já *tinha* três garrafas de vinho *bebido*.

c. O Pedro já *tinha* me *dado* muito trabalho.

Considera-se que a presença do verbo finito na posição final nas subordinadas do alemão seja devida à presença do complementizador *daß*. Neste caso também encontra-se uma estrutura emoldurada (ou uma ponte) em que o complementizador está à esquerda e o complexo verbal está à direita.

Através da “moldura”, pode-se separar a sentença alemã em três partes: O “*Vorfeld*” (campo anterior), o “*Mittelfeld*” (campo médio) e o “*Nachfeld*”(campo posterior).

2.2.A Sentença Alemã: A Tipologia Tradicional

Toda sentença tem uma estrutura básica específica. Segundo Nieder (1987) existem três tipos de sentenças:

a) Sentença curta - corresponde a unidades sentenciais sem verbo como (7a).

b) Sentença verbal simples - tem a forma de uma sentença principal como (7b).

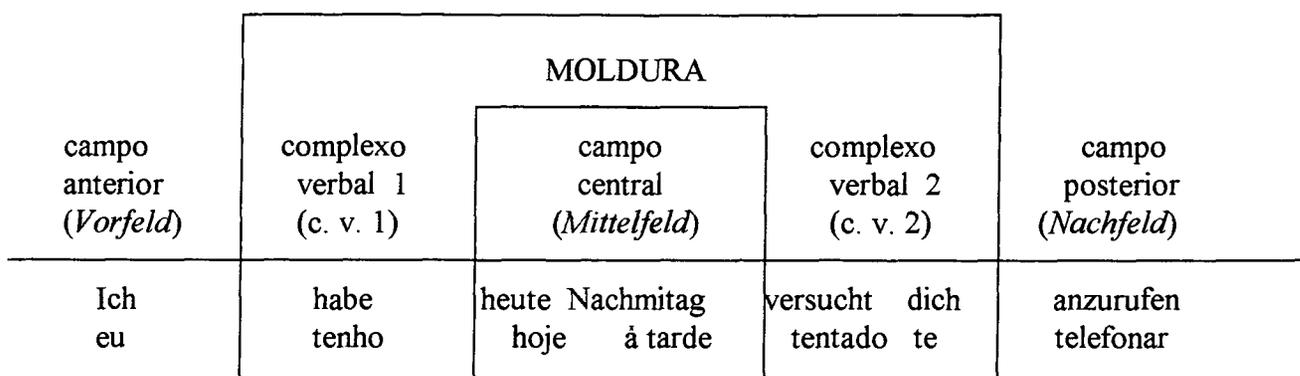
c) Sentença verbal complexa - é formada por uma sentença principal e uma ou mais sentenças subordinadas como (7c).

(7) a. Wie Schade!
que pena
'Que pena!'

b. Ich heie Christiane.
 eu chamo Christiane
 ‘Eu me chamo Christiane.’

c. Ich erzhle es dir nicht, weil du nichts damit zu tun hast.
 eu conto isto para ti não porque tu nada com isto a ver tens
 ‘Eu não te conto porque tu não tens nada a ver com isto.’

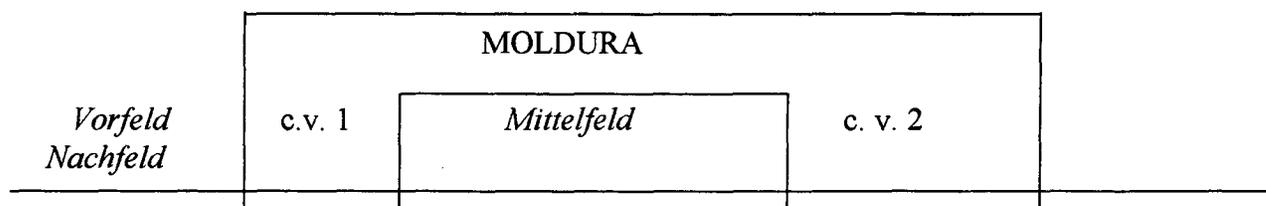
O sistema básico de construo da sentena alemã tem o *Satzklammer* (ou a moldura) como componente principal. Observe a representao a seguir:



‘Eu tentei te telefonar hoje  tarde.’

A “moldura” determina as posies básicas na sentena: no caso de uma sentena raiz, o verbo finito (c. v. 1) separa o campo anterior do campo central e as formas não-finitas (c. v. 2) separam o campo central do campo posterior.

A negao sentencial *nicht* apresenta-se sempre no final do *Mittelfeld*, depois de todos os complementos:



‘A estatística não está certa.’



A primeira divisão tipológica das sentenças estabelece a diferenciação entre sentença principal (exemplos em (8-11)) e sentença subordinada (exemplo em (12)).

(8) Ich lese ein Roman.
eu leio um romance
‘Eu leio um romance.’

(9) Wohin fahren Sie?
para onde viaja o senhor
‘Para onde o senhor está viajando?’

(10) Fahren Sie nach Hause?
viaja o senhor para casa
‘O senhor está viajando para casa?’

(11) Fahr noch nicht.
viaje ainda não
‘Não viaje ainda.’

(12) (Ich weiß noch nicht), wo ich dich treffen kann.
eu sei ainda não onde eu te encontrar posso
‘Eu ainda não sei onde eu posso te encontrar.’

Uma sentença principal pode ser uma sentença matriz (como em (8)), uma interrogativa-Wh (como em (9)), uma interrogativa sim/não (como em (10)) ou uma imperativa (como em (11)). Observe que as sentenças principais podem apresentar o verbo finito na primeira ou na segunda posição, enquanto as sentenças subordinadas (como (12)) o apresentam na posição final.

Antes de analisar a sintaxe do alemão segundo a teoria gerativa vamos fazer ainda algumas considerações a respeito dos verbos desta língua no espírito descritivista da gramática tradicional.

2.3. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O PARADIGMA VERBAL DO ALEMÃO

2.3.1. O Passado Composto

Observe os seguintes exemplos:

- (13) a. Ich arbeite bei Siemens.
eu trabalho na Siemens
'Eu trabalho na Siemens.'
- b. Ich **habe** zwanzig Jahre **gearbeitet**.
eu tenho vinte anos trabalhado
'Eu trabalhei vinte anos.'
- c. Ich wandere in dieser Gegend.
eu caminho em esta região
'Eu caminho nesta região.'
- d. Ich **bin** gestern früher **gewandert**.
eu sou ontem mais cedo caminhado
'Eu caminhei mais cedo ontem.'
- (14) a. Ich lese die Zeitung.
eu leio o jornal
'Eu leio o jornal.'
- b. Ich **habe** die Zeitung schon **gelesen**.
eu tenho o jornal já lido
'Eu já li o jornal.'
- c. Ich bleibe zu Hause.
eu fico em casa
'Eu fico em casa.'
- d. Ich **bin** zu Hause **geblieben**.
eu sou em casa ficado
'Eu fiquei em casa.'

Veja que em (13b), (13d), (14b) e (14d) o passado é expresso por um tempo composto. O passado composto é mais popular no alemão falado, enquanto o passado simples ocorre mais freqüentemente no alemão escrito. Para os falantes nativos de alemão, o passado composto é a forma não-marcada.

O passado composto é formado por um verbo auxiliar finito mais um verbo principal conjugado no particípio passado. Existem dois verbos que podem funcionar como auxiliar na formação do passado composto: *sein* ‘ser’ e *haben* ‘ter’.

Observe que (13b) e (14b) apresentam o verbo auxiliar *haben* (‘ter’), enquanto (13d) e (14d) apresentam o verbo *sein* (‘ser’) como auxiliar. A maior parte dos verbos forma o particípio passado com o verbo *haben*. No entanto, os verbos intransitivos que indicam mudança de estado ou deslocamento formam os tempos compostos com o auxiliar *sein* (15a), além dos verbos *sein* (15b) e *bleiben* (‘permanecer’) (15c) e dos verbos defectivos (15d).

(15) a. Das Kind *ist* schnell gewachsen.

a criança é rápido crescida

‘A criança cresceu rápido.’

b. *Sind* Sie gestern an der Universität gewesen?

é o senhor ontem em a universidade estado

‘O senhor esteve na universidade ontem?’

c. Ich *bin* zu Hause geblieben.

eu sou em casa ficado

‘Eu fiquei em casa.’

d. Was *ist* denn passiert?

o que é então acontecido

‘O que aconteceu afinal?’

2.3.2. Compostos Verbais Separáveis e Inseparáveis

O alemão apresenta verbos lexicalmente complexos que se dividem em dois grupos: aqueles que podem aparecer separadamente (ou seja, compostos de uma raiz verbal mais uma preposição - como em (16)) e aqueles que se apresentam sempre em bloco (quando os prefixos têm identidade semântica, mas não lexical, isto é, não podem aparecer sozinhos por não constituir um item lexical - como em (17)). Além de as preposições e os prefixos terem um estatuto lexical diferenciado, eles também apresentam diferenças fonético-fonológicas. Segundo Luscher & Schäpers (1982), as preposições apresentam o acento tônico dos compostos verbais separáveis (em 16a-b), enquanto os prefixos dos compostos verbais inseparáveis não são acentuados. Neste caso, o acento incide sobre a raiz verbal (em 17a-b).

(16) a. Ich werde dich am Bahnhof **abholen**.
eu vou te na estação apanhar
'Eu te apanharei na estação.'

b. Ich **hole** dich am Bahnhof **ab**.
eu apanho te na estação prep
'Eu te apanho na estação.'

(17) a. Ich werde mich sicher gut **erholen**.
eu vou me certamente bem descansar
'Eu certamente descansarei bastante.'

b. Heute **erhole** ich mich.
hoje descanso eu me
'Hoje eu descanso.'

Note que um composto verbal inseparável (como *erholen*) ocupa naturalmente a segunda posição numa sentença principal, como em (17b), enquanto um composto verbal separável (como *abholen*) apresenta a raiz verbal na segunda posição e a preposição no final da sentença, como em (16b). Observe também que o composto verbal separável pode constar de uma parte verbal finita associada a

- a) uma preposição (como *ab* 'desde' em (16a-b))
- b) uma parte verbal não finita (como *kennen* 'conhecer' em (18a))
- c) um substantivo (como *Rad* 'bicicleta' em (18b)) ou
- d) um adjetivo (como *fern* 'longe' em (18c)).

(18) a. Er lernte im Urlaub viele Ausländer **kennen**.
ele aprendeu nas férias muitos estrangeiros conhecer
'Ele conheceu muitos estrangeiros nas férias.'

b. Er fährt jeden Abend **Rad**.
ele dirige cada noite bicicleta
'Ele anda de bicicleta toda noite.'

c. Sehen Sie abends viel **fern**?
vê o senhor à noite muito televisão
'O senhor vê muito televisão á noite?'

Passemos agora às diferenças sintáticas destes dois grupos de verbos. Começaremos observando os exemplos em (19-22).

- (19) a. Ich *verstehe* dich gut.
 eu entendo te bem
 ‘Eu te entendo bem.’
- b. Ich *komme* am Montag *zurück*.
 eu venho na segunda de volta
 ‘Eu volto na segunda-feira.’

Em (19) encontramos o composto verbal inseparável *verstehen* e o composto verbal separável *zurückkommen* conjugados no presente (em sentenças principais). O composto verbal inseparável aparece na segunda posição e o composto verbal separável ocorre descontinuamente: a raiz verbal na segunda posição e a preposição na posição final.

- (20) a. Ich kann dich gut *verstehen*.
 eu posso te bem entender
 ‘Eu posso te entender bem.’
- b. Ich will am Montag *zurückkommen*.
 eu vou na segunda voltar
 ‘Eu voltarei na segunda-feira.’

Em (20) os mesmos verbos se apresentam no presente, porém agora em construções com verbos modais. Na presença de tais verbos (que preenchem a segunda posição), o verbo principal aparece na posição final, seja ele um composto verbal separável ou inseparável.

- (21) a. Ich habe dich gut *verstanden*.
 eu tenho te bem entendido
 ‘Eu te entendi bem.’
- b. Ich bin am Montag *zurückgekommen*.
 eu sou na segunda voltado
 ‘Eu voltei na segunda-feira.’

Em (21), estes verbos se encontram no passado composto (que é formado pelo verbo auxiliar mais o particípio passado do verbo principal). Neste caso o verbo auxiliar se encontra na segunda posição e o verbo principal na posição final. Note que o particípio passado do verbo *zurückkommen* apresenta a partícula de formação de particípio passado (*ge*) entre a preposição e a raiz verbal.

- (22) a. Kein Problem, dich **zu verstehen**.
nenhum problema te entender
'Não há problema em te entender.'
- b. Ich hoffe, am Montag **zurückzkommen**.
eu espero na segunda voltar
'Eu espero voltar na segunda-feira.'

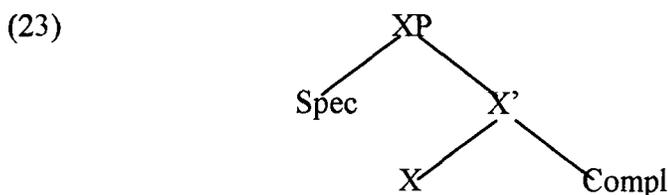
Observe que o composto verbal separável em (22b) apresenta a partícula do infinitivo, *zu* entre a preposição e a raiz verbal, enquanto o composto verbal inseparável segue tal partícula.

As considerações sobre verbos apresentadas em 2.3., no espírito da gramática tradicional serão retomadas em 4.1. dentro do quadro teórico da gramática gerativa.

3. A TEORIA GERATIVA

A Teoria da Regência e da Ligação (TRL) encara a gramática de uma língua como um sistema de princípios e parâmetros. Os princípios, que determinam regras operantes em todas as línguas, se apresentam associados a parâmetros, opções binárias que determinam as variações entre as línguas.

A TRL é constituída por vários módulos. Um deles é a Teoria X-barra e trata da estrutura das sentenças. Segundo Chomsky (1970), as categorias lexicais (a saber nome (N), verbo (V), adjetivo (A) e preposição (P)) são o elemento constitutivo central das categorias sintagmáticas NP, VP, AP e PP. A categoria sintagmática é uma projeção da categoria lexical. Observe a representação em (23).



XP é a projeção máxima da categoria X, Spec é a posição de especificador e Compl é o complemento desta categoria. Chomsky (1986) afirma que as categorias gramaticais Infl (flexão) e Comp (complementizador) também podem ser projetadas seguindo o mesmo modelo.

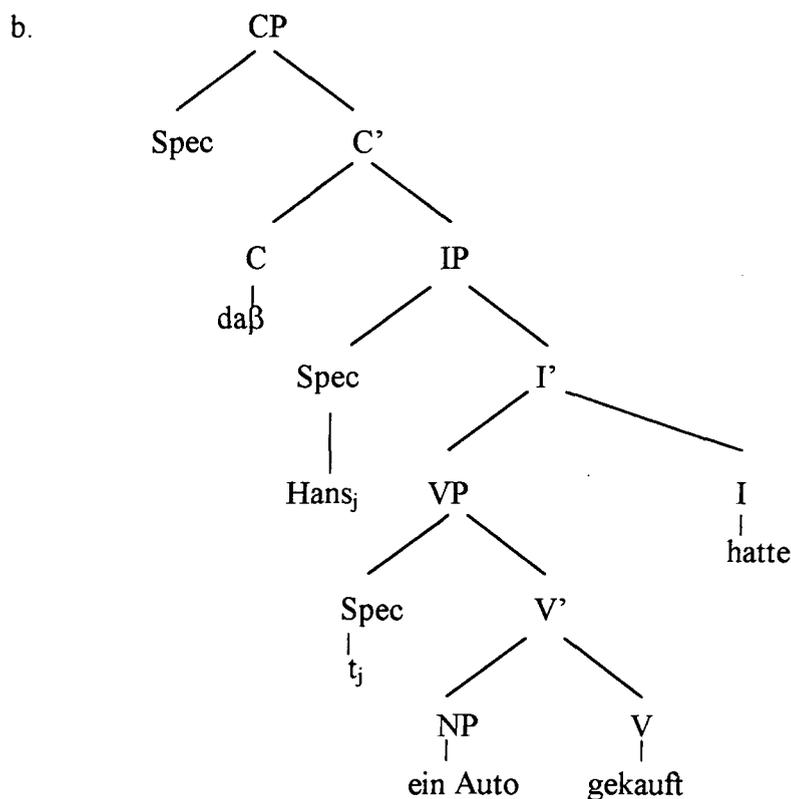
Stowell (1981) assume que a hierarquia dos constituintes é universal, mas a sua ordem linear não. Ele observou ordens diferentes em várias línguas. Em algumas línguas, como o inglês, por exemplo, o verbo precede seus complementos; em outras, como o japonês, o verbo segue seus complementos (os exemplos estão em (24)).

- (24) a. John *wrote* [a letter to Mary].
João escreveu uma carta para Maria
'O João escreveu uma carta para a Maria.'
- b. Taroo - ga [Hanako - ni tegami - o] *kaita*.
Taroo Nom Hanako Dat carta Acc escreveu
'O Taroo escreveu uma carta para o Hanako.'

Além da ordem verbo-complemento, a ordem das línguas podem diferir em outros fatores. Algumas delas, como o português e o inglês, apresentam preposições, enquanto outras, como o japonês, apresentam posposições. Em (24) podemos observar que em inglês e em japonês o sujeito ocorre no início da sentença; em algumas línguas, no entanto, ele aparece no final da sentença.

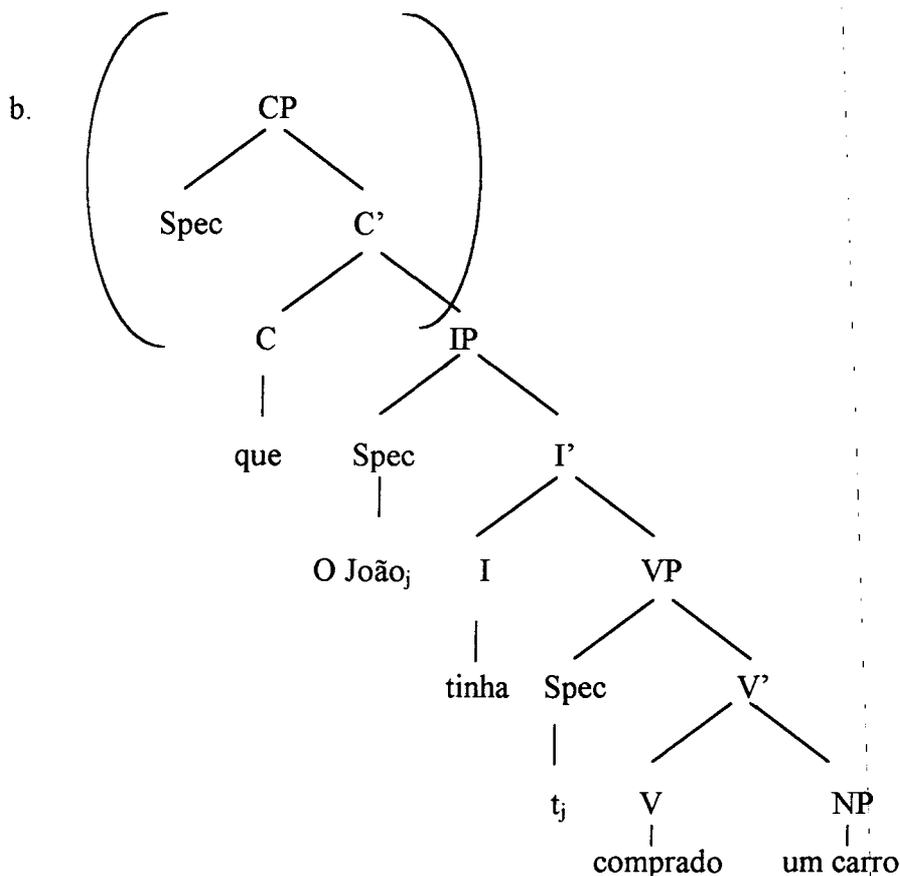
A diferença na ordem verbo-complemento em algumas línguas levou à assunção de que a posição da flexão (I) em relação ao verbo (V) encontra-se sujeita ao mesmo parâmetro que ordena objeto e verbo. Assim sendo, algumas línguas apresentam a ordem [V objeto] e [I VP], enquanto outras apresentam a ordem [objeto V] e [VP I]. A ordem linear conseqüente da parametrização da posição de IP e VP só é visível em alemão nas sentenças encaixadas que, segundo a análise simétrica, representam a ordem linear subjacente desta língua. Observe o exemplo em (25).

(25) a. Maria hat mir gesagt, daß [Hans ein Auto gekauft hatte].



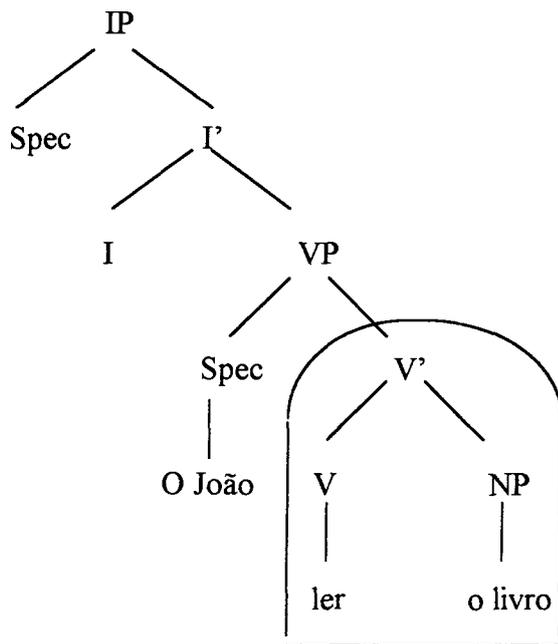
Em português podemos tomar uma sentença raiz ou uma encaixada para demonstrar a parametrização da posição de IP e de VP.

(26) a. A Maria me disse que [o João tinha comprado um carro].



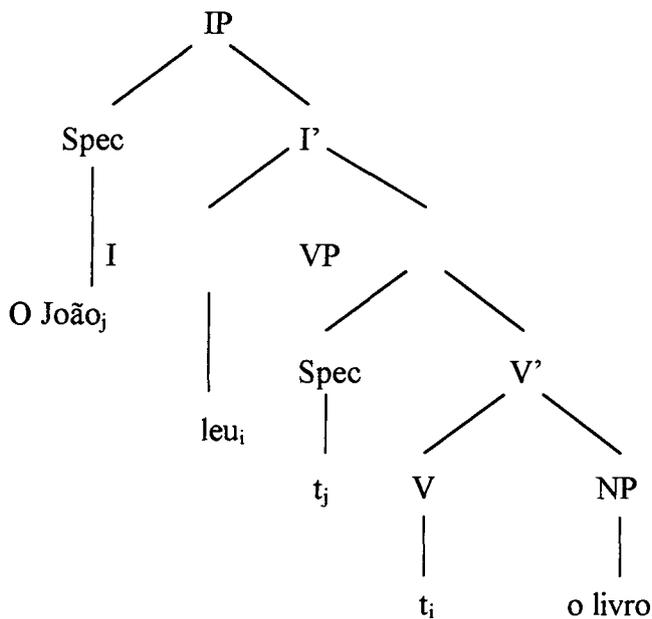
A TRL utiliza diferentes níveis de representação. O primeiro nível de representação é chamado de Estrutura-D e apresenta as relações de subcategorização, que segundo Raposo (1992) são locais e exigem uma relação de irmandade estrutural com o núcleo. Observe a representação em (27).

(27)



O segundo nível de representação é chamado de Estrutura-S, que apresenta a estrutura hierárquica e responde pela ordenação linear efetivas da sentença. Este nível é resultado de uma (ou mais) regra(s) de movimento aplicada(s) sobre a Estrutura-D. Observe a representação em (28).

(28)



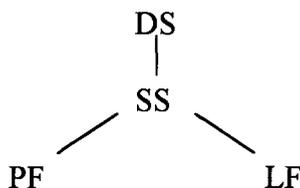
São aplicadas duas regras de movimento na derivação de uma sentença como ‘O João leu o livro’. Em (28b) podemos perceber que o verbo ‘ler’ é alocado de V até I a fim de incorporar os morfemas flexionais e transformar-se em ‘leu’ e o NP-sujeito ‘João’ é alocado da posição de especificador de VP (onde ele é gerado e recebe o seu papel temático) até a posição de especificador de IP (onde recebe Caso). Segundo Chomsky (1981), estas regras de movimento podem ser reduzidas a uma única regra denominada “Mover α ”. Isto significa que α pode ser um NP, um verbo, etc. Chomsky (1981) propõe que o movimento de um núcleo X para um núcleo Y procede da adjunção de X a Y, deixando um vestígio na posição de origem do núcleo X (observe que em (6) t_i é o vestígio do verbo movido e t_j é o vestígio do NP-sujeito).

Segundo Travis (1984), os movimentos nucleares apresentam as seguintes restrições:

- (i) o alvo do movimento de um núcleo é sempre outro núcleo;
- (ii) o núcleo alvo do movimento é sempre aquele imediatamente superior ao núcleo movido

O terceiro nível de representação é chamado de Forma Lógica (LF de Logical Form) e apresenta aspectos do significado de uma sentença que são determinados pelas suas propriedades estruturais. Este nível é resultado da aplicação de mover α na Estrutura-S.

Na TRL, a estrutura-D, a estrutura-S e a LF formam a sintaxe. Existe ainda um outro nível de representação: a Forma Fonológica (PF de Phonetic Form), mas este não tem relevância sintática.



No que tange à explicação das posições do verbo em alemão, uma das análises desenvolvidas dentro da TRL pressupõe que o alemão é uma língua SOV e que as línguas SOV apresentam o sintagma verbal (VP) e o sintagma flexional (IP) núcleo-finais. Assume-se que a ordem das sentenças subordinadas corresponde à ordem subjacente (básica) do alemão. Segundo den Besten (1983), o verbo finito se move até a posição C (a posição do complementizador) nas sentenças principais em alemão. Este fenômeno é conhecido na literatura gerativa como *Verb-second* (V-2). O fenômeno *verb second* (V-2) é uma exigência sintática que caracteriza todas as línguas germânicas, com exceção do inglês¹ (língua em que ele se manifesta apenas residualmente, nas sentenças interrogativas). Nas sentenças encaixadas, o NP-sujeito ocupa a sua posição canônica (a do especificador de IP) e o verbo finito se move à direita, passando de V para I. Nas sentenças matrizes, o verbo finito tem que ser alçado até C (na falta de um complementizador) e um constituinte qualquer (XP) deve se mover até a posição de especificador de CP a fim de ocupar a primeira posição. Este XP pode ser um NP-objeto topicalizado, um elemento-Wh, um NP-sujeito ou um certo tipo de advérbios. Quando o primeiro constituinte de uma sentença V-2 é o NP-sujeito, ele realiza um movimento do [Spec,IP] para o [Spec,CP].

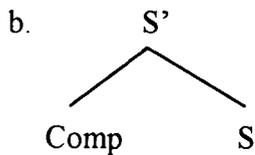
Esta análise assume que todas as sentenças do alemão são CPs. Os verbos finitos ocupam a posição I na SS de sentenças encaixadas e a posição C nas sentenças matrizes. Tais sentenças não apresentam um complementizador e esta análise assume que a posição C sempre deve ser preenchida em alemão.

¹ - Enquanto nas línguas V-2 o verbo finito ou o verbo auxiliar é alçado até C nas sentenças principais e nas interrogativas, em inglês o verbo principal não pode ser alçado até C, somente os verbos auxiliares. Na ausência de um verbo auxiliar a inserção de *do* se faz necessária.

- a. *Bought John the book ?
- b. *Did* John buy the book ?

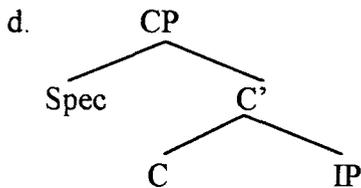
Segundo Grewendorf (1988), a estrutura da sentença dentro do quadro da teoria da regência e da ligação corresponde a (29 a-b).

(29) a. $S' \rightarrow \text{COMP} \quad S$



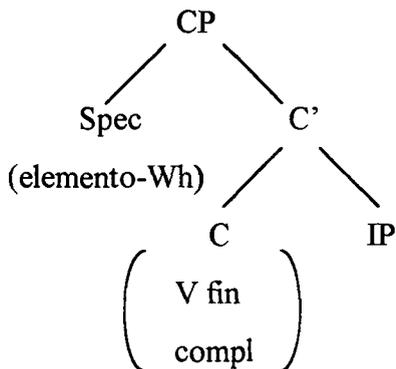
Podemos entretanto modernizar essa representação e, como faz Chomsky (1986), assumir que a teoria X-barra se aplica não só às categorias lexicais, mas também às categorias funcionais (29 c-d):

(29) c. $CP \rightarrow \text{Spec} \quad C'$
 $C' \rightarrow C \quad IP$



A existência de posições distintas para os complementizadores e para os elementos-wh, como representado em (30), indica que eles podem co-ocorrer. De fato isto é possível em algumas línguas como o francês do Quebec, em algumas construções (como (31)), mas não é possível em alemão (32).

(30)



(31) La fille avec qui que je parle.
 a menina com quem que eu falo
 ‘A menina com quem eu falo.’

(32) *Das Mädchen [_{CP} [wer]_i daß [_{IP} er geküßt habe t_i]].
 a menina quem que ele beijado tem
 ‘A menina que ele beijou.’

Em sentenças relativas o português se comporta como o alemão, não aceitando a coocorrência de um elemento-Wh e um complementizador (33a). Porém em sentenças interrogativas -WH alguns dialetos do português aceitam esta coocorrência. Veja o exemplo (33b) de Miotto & Figueiredo Silva (1995).

(33) a. * A menina [_{CP} [quem]_i que [_{IP} ele beijou t_i]].
 b. Quem que você beijou?

Dada a gramaticalidade da coocorrência do complementizador e do elemento-Wh em algumas línguas e sua agramaticalidade em outras, Chomsky e Lasnik (1977) deduziram a existência do chamado “Filtro de Comp Duplamente Preenchido”. Este filtro se aplica à gramática de algumas línguas, como o alemão.

Segundo a TRL, a morfologia flexional é gerada em I e tem que ser combinada com a raiz verbal na sintaxe aberta. Pollock (1989) estudou a posição do verbo e da flexão em inglês e em francês, utilizando-se de constituintes considerados fixos, como a negação, os advérbios e os quantificadores flutuantes. Para ele, estes constituintes apresentam sua projeção máxima numa determinada posição fixa na estrutura. Observe os exemplos em (34)-(37).

(34) a. *John likes not Mary.
 João gosta não Maria
 ‘O João não gosta da Maria.’

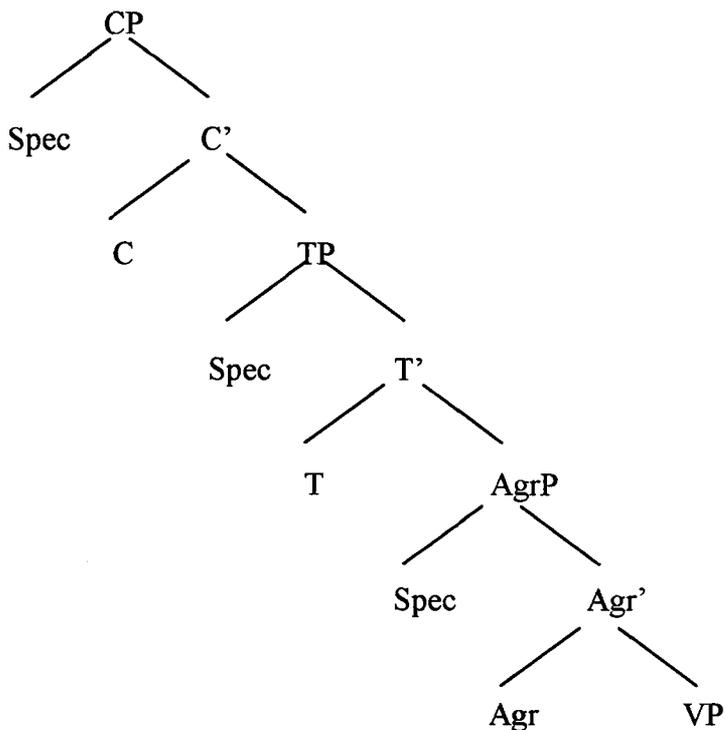
b. Jean (n’)aime pas Marie.
 João ama não Maria
 ‘O João não ama a Maria.’

- (35) a. *John kisses often Mary.
 João beija seguidamente Maria
 ‘O João beija seguidamente a Maria.’
- b. Jean embrasse souvent Marie.
 João abraça seguidamente Maria
 ‘O João abraça seguidamente a Maria.’
- (36) a. *My friends love all Mary.
 meus amigos amam todos Maria
 ‘Todos os meus amigos amam a Maria.’
- b. Mes amis aiment tous Marie.
 meus amigos amam todos Maria
 ‘Todos os meus amigos amam a Maria.’
- (37) a. *Likes he Mary?
 gosta ele Maria
 ‘Ele gosta da Maria?’
- b. Aime-t-il Marie?
 ama ele Maria
 ‘Ele ama a Maria?’

Se Pollock (1989) está certo quanto à posição fixa da projeção NegP e quanto à posição fixa de base de algumas classes de advérbios, então somos levados à concluir que o verbo finito francês alcance um lugar mais alto na estrutura do que o verbo inglês, já que o primeiro pode preceder a negação e o segundo deve segui-la. A partir da observação destes fatos, Pollock assume que em francês o verbo se alça até I e, que em inglês este movimento é restrito apenas aos verbos auxiliares “*to have*” e “*to be*”. Para todos os demais verbos, é a flexão que desce até V.

Pollock (1989) propõe, ainda, o desdobramento de IP em duas projeções distintas, TP e AgrP (uma projeção de tempo e uma de concordância). Segundo ele, não se deve considerar I como um único constituinte que contenha estes dois traços diferentes.

(38)

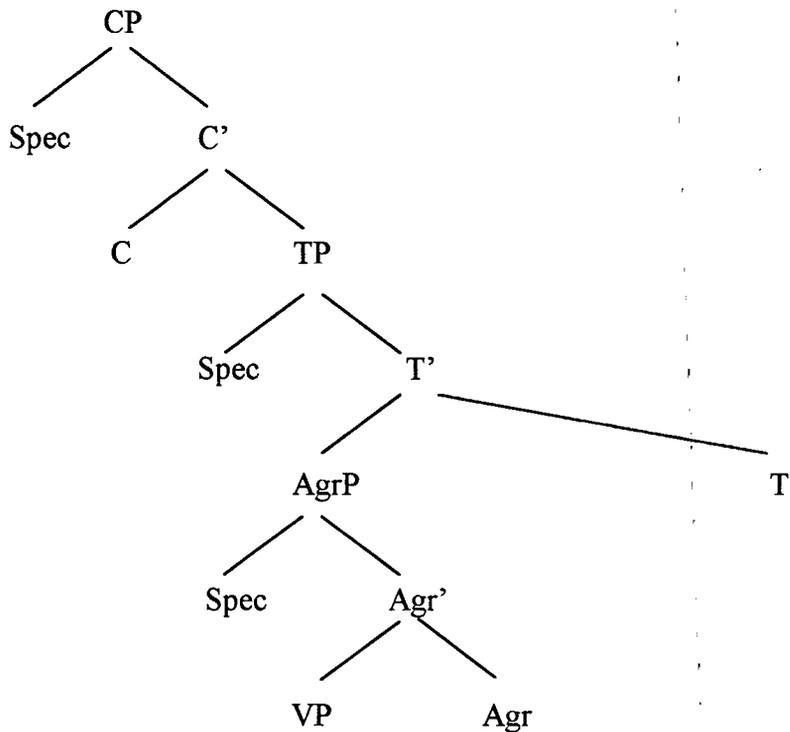


Dentro da TRL, considera-se que em alemão o verbo é alçado até I, assim como em francês e em português, mas como vimos em (25) a posição dos núcleos V e I é final em alemão.

Analisando o comportamento dos verbos auxiliares, a análise SOV estipula que línguas como o português e o inglês são núcleo-iniciais (apresentam a ordem verbo auxiliar-verbo principal), e línguas como o alemão e o holandês são núcleo-finais (apresentam a ordem verbo principal-verbo auxiliar nas sentenças encaixadas).

Desta forma, (38) representaria a estrutura de uma sentença de uma língua núcleo-inicial, como o português e o inglês, enquanto (39) representa a estrutura de uma sentença de uma língua núcleo-final como o alemão.

(39)



Um dos módulos da TRL mais importantes para uma análise da língua alemã é o parâmetro da posição de IP e VP. É importante, porém, ressaltar que (39) é uma representação para a análise simétrica (defendida neste trabalho). No capítulo 5 veremos que para a análise assimétrica o alemão é uma língua núcleo-inicial e, portanto, a representação da estrutura da sentença alemã corresponde àquela do inglês (em (38)).

4. A ANÁLISE DA GRAMÁTICA GERATIVA (NA VERSÃO TRL)

4.1. OBSERVAÇÕES GERAIS SOBRE VERBOS

Neste capítulo retomaremos algumas considerações feitas na gramática tradicional a respeito de verbos e tentaremos analisar os mesmos exemplos, desta vez recorrendo à gramática gerativa. Começaremos repetindo os exemplos em (13) de 2.3.1. em (40).

- (40) a. Ich arbeite bei Siemens.
eu trabalho na Siemens
'Eu trabalho na Siemens.'
- b. Ich **habe** zwanzig Jahre gearbeitet.
eu tenho vinte anos trabalhado
'Eu trabalhei vinte anos.'
- c. Ich wandere in dieser Gegend.
eu caminho em esta região
'Eu caminho nesta região.'
- d. Ich **bin** gestern früher gewandert.
eu sou ontem mais cedo caminhado
'Eu caminhei mais cedo ontem.'

Enquanto a gramática tradicional limita-se a descrever, mostrando que a maioria dos verbos forma o particípio passado com o verbo *haben* e apresentando uma lista de verbos que formam o particípio passado com o verbo *sein*, esta assimetria recebeu um tratamento mais interessante no trabalho de Burzio (1986). Este autor realizou um estudo dos verbos italianos segundo o qual nem todos os verbos de um único argumento apresentam a mesma representação estrutural. Alguns deles têm apenas um argumento externo, enquanto outros têm apenas um argumento interno, ao qual eles não são capazes de atribuir caso acusativo (Acc). Este segundo grupo de verbos foi chamado de “verbos ergativos” ou “inacusativos”. Burzio (1986) afirma que a distribuição dos verbos auxiliares *essere* ‘ser’ e *avere* ‘ter’ nos tempos compostos esteja ligada à natureza do verbo principal, e propõe uma teoria de seleção do auxiliar:

(41) seleção de *essere* (ser)

Existe uma cadeia entre a posição de sujeito (Spec,IP) e a posição de complemento do verbo.

Isto corresponde a dizer que os verbos ergativos selecionam o auxiliar *essere* e os demais verbos (os intransitivos e os transitivos) selecionam o auxiliar *avere*. Observe o exemplo com verbo intransitivo e o exemplo com verbo ergativo em (42) e as suas respectivas estruturas-S em (43), segundo Burzio (1986), que ainda não adotava a hipótese do sujeito engendrado dentro do VP:

(42) a. Giacomo *ha* telefonato.
Giacomo tem telefonado
'O Giacomo telefonou.'

b. Giacomo *è* arrivato.
Giacomo é chegado
'O Giacomo chegou.'

(43) a. [IP Giacomo [I' ha [VP telefonato]]]

b. [IP Giacomo_i [I' è [VP arrivato t_i]]]

Em (43b) fica clara a cadeia que é formada pelo movimento do argumento interno do verbo ergativo até o [Spec,IP], a posição canônica de sujeito.

Assumindo análise de Burzio (1986), podemos explicar a diferença de seleção do auxiliar nos exemplos do alemão (em (40)). Não é uma questão de "verbos de movimento", mas o ponto crucial da seleção do auxiliar é a diferença entre verbos intransitivos e inacusativos.

Seguindo o objetivo deste capítulo, retomamos os compostos verbais separáveis e inseparáveis, e percebemos que a gramática tradicional explica a diferença entre eles tomando o estatuto lexical e fonológico diferenciado das preposições e dos prefixos. Dentro de uma análise gerativa devemos perceber que tanto nas sentenças principais como nas subordinadas as preposições do composto verbal aparecem no final da

sentença. Nas principais, a raiz verbal está na segunda posição e nas subordinadas com complementizador ela aparece na posição final, junto à preposição.

Parece-me necessário mencionar a diferença estrutural entre seguintes sentenças.

(44) a. Ich hole_i die Kinder ab t_i.
eu as crianças
'Eu apanho as crianças.'

b. *Wann_i kommst du ab t_i.
quando vens tu a partir de
'A partir de quando tu vens?'

c. Ab wann kommst du?
a partir de quando vens tu
'A partir de quando tu vens?'

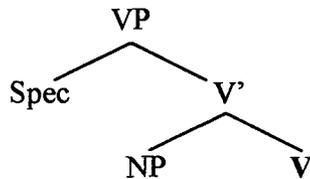
(44b) nos leva a constatar que o alemão, assim como o português, não aceita o chamado abandono da preposição (*Preposition Stranding*) no que diz respeito ao movimento-Wh (este assunto será tratado no capítulo 6).

Partindo do pressuposto que o alemão não aceita "*Preposition Stranding*", a gramaticalidade de (44a) parece demonstrar que a relação existente entre a preposição e a raiz verbal do composto separável é diferente da relação entre a preposição e o elemento-Wh. Evidentemente, em um caso estamos falando de movimento de núcleo e, no outro, de movimento de um sintagma. Mas em ambos os casos o vestígio deve ser propriamente regido (dado o ECP), o que nos leva a concluir que o fato de a preposição aparecer sozinha no final da sentença confirma a assunção de que a ordem subjacente do alemão é verbo final e de que as sentenças principais são estruturas derivadas. A raiz verbal finita de um verbo separável em uma sentença principal aparece na primeira ou na segunda posição devido ao movimento do verbo, enquanto a preposição, o substantivo, o adjetivo ou o verbo não-finito permanece na posição de base, a posição verbo-final (V-F). O importante é perceber que a preposição e a raiz verbal devem ser geradas em uma única posição, uma vez que formam uma unidade semântica. Se a preposição e a raiz verbal são geradas no final da sentença, a regra V-2 move apenas a parte finita (raiz verbal), deixando a parte não verbal ou a parte verbal não-finita para trás.

4.2. ASSIMETRIA RAIZ / SUBORDINADA

Uma característica particular do alemão é apresentar uma ordem diferente nas sentenças principais e nas subordinadas. A análise tradicional representa o alemão como uma língua de estrutura subjacente SOV. Segundo Thiersch (1978), o verbo alemão é núcleo-final conforme a representação modernizada em (45):

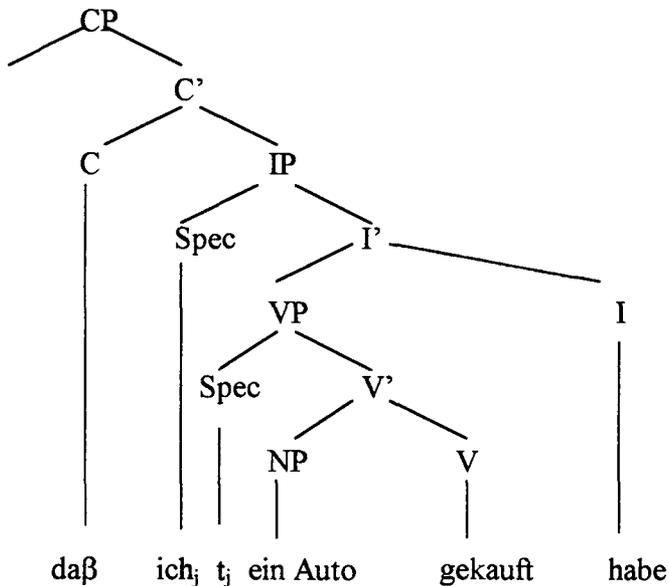
(45)



Haegeman (1991) assume que quando o VP é núcleo-final a flexão (IP) também é núcleo-final. Isto significa que I ocorre à direita do VP. Segundo este tipo de análise as sentenças subordinadas (como (46)) superficializam a estrutura subjacente do alemão (representada em (47)).

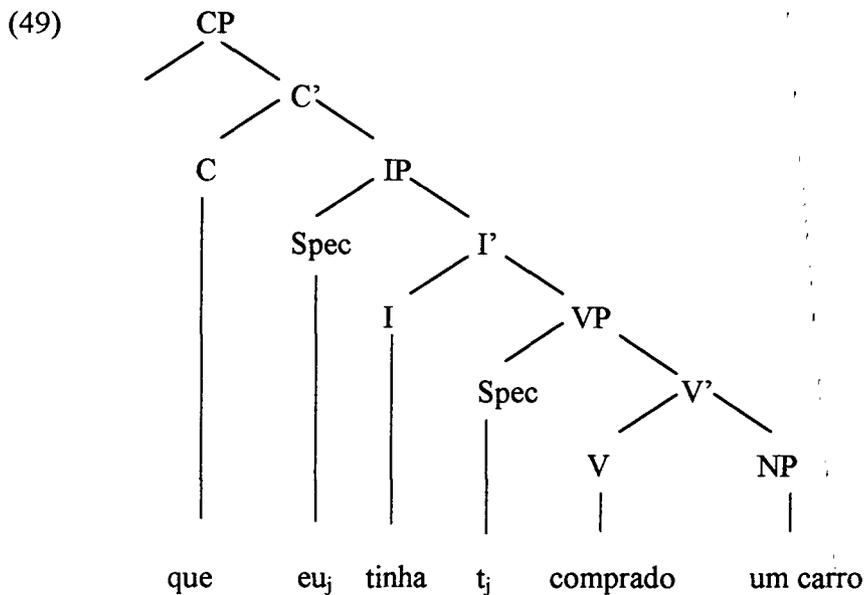
(46) (Er glaubt), daß ich ein Auto gekauft habe.
 ele pensa que eu um carro comprado tenho
 'Ele pensa que eu comprei um carro.'

(47)



Note que, segundo esta análise, V e I são núcleo-final enquanto C é núcleo-inicial. Este tipo de análise parece explicar diferenças entre o alemão e o português, que é uma língua SVO. O verbo do português é núcleo-inicial, assim como a flexão. Utilizando um tempo composto em português (que não corresponde à tradução de (46)) podemos visualizar uma estrutura paralela à do alemão. Observe a sentença (48) e a sua representação em (49):

(48) Ele pensou que eu tinha comprado um carro.



As sentenças principais declarativas parecem apresentar a mesma ordem superficial em alemão e em português (veja (50) e a sua tradução em (51)).

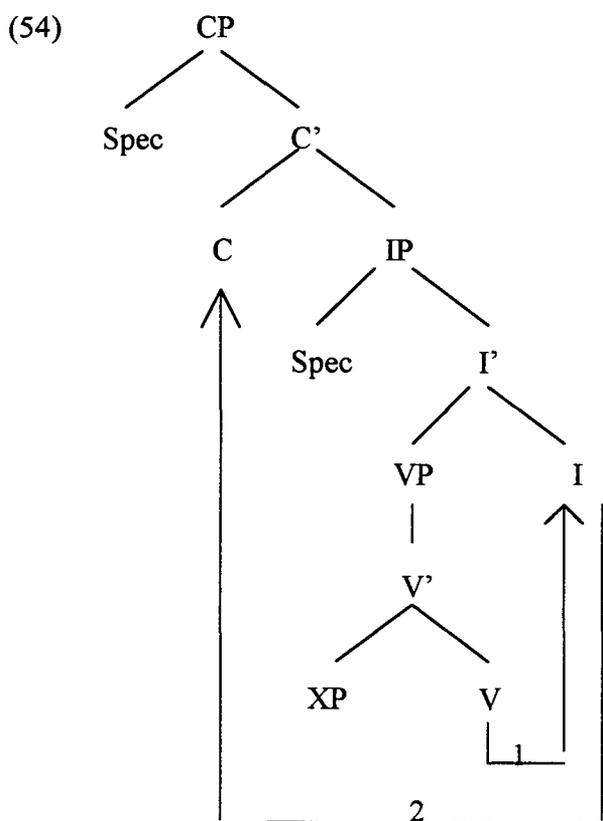
(50) Maria kauft eine Bluse.

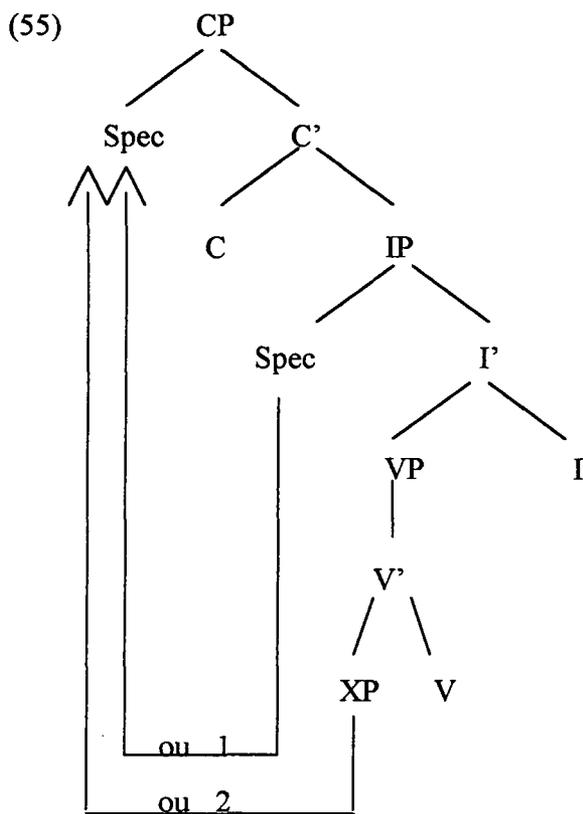
(51) A Maria compra uma blusa.

Entretanto, se acrescentarmos um advérbio no início da sentença, como em (52), veremos que a sua tradução (em (53)) já não terá mais a mesma ordem superficial.

- (52) Jeden Tag kauft Maria eine Bluse.
 todos dias compra Maria uma blusa
 (53) Todos os dias a Maria compra uma blusa.

Como já vimos, em alemão ocorre o fenômeno *Verb-Second (V-2)*: o verbo finito sobe até C e aparece sempre na segunda posição nas sentenças raízes. As sentenças principais são estruturas derivadas cuja ordem, segundo Thiersch (1978), é fruto da aplicação de duas regras de movimento. A primeira regra move o verbo finito até a posição de núcleo mais alta da sentença. Ela ocorre em todas as sentenças principais. A segunda regra (chamada de “regra de topicalização”) move um constituinte até a posição pré-verbal. Observe as representações de tais regras com a forma de representação atual respectivamente em (54) e (55).





Veja que é o fato de a “regra de topicalização” ocorrer nas sentenças raízes e não ocorrer nas sentenças imperativas, nas condicionais e nas interrogativas sim/não que determina a ordem V-2 nas primeiras e a ordem V-1 nas últimas.

Vários estudiosos já buscaram uma explicação para este estado de coisas. Evers (1982) afirma que o verbo finito se move pois precisa estar numa posição onde c-comande a sentença. Nas sentenças encaixadas é o verbo matriz (da principal) que determina o escopo da sentença, por isso o verbo encaixado não se move.

Segundo Sternefeld (1982), por outro lado, as posições diferentes que o verbo finito ocupa na sentença principal e na encaixada estão relacionadas ao diferente estatuto de regência destes tipos de sentenças: as encaixadas são regidas e as principais não.

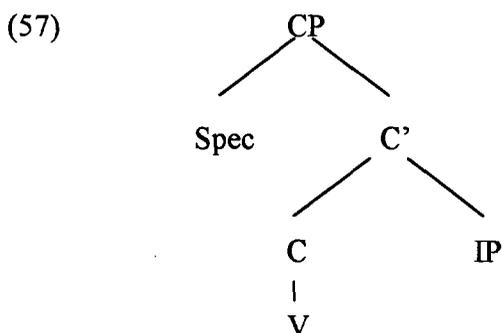
Já Grewendorf (1988) observa que o fenômeno V-2 e os complementizadores estão em distribuição complementar em um certo número de casos.

Haegeman (1991) explica tal fato alegando que a posição dos complementizadores (C) sempre deve ser preenchida em alemão. No caso das sentenças subordinadas, ela é preenchida pelo complementizador.

Den Besten (1983) afirma que no caso das sentenças principais, como (56c), o verbo finito move-se até C, devido à ausência de um complementizador. Se este movimento não ocorrer a sentença torna-se agramatical (veja (56b)). Em sentenças que apresentam um complementizador, como (56a), este movimento não se faz necessário e, portanto, é proibido.

- (56) a. Hans sagte, *daß* Maria eine Bluse kauft.
 Hans disse que a Maria uma blusa compra
 ‘O Hans disse que a Maria compra uma blusa.’
- b. *Maria eine Bluse *kauft*.
 a Maria uma blusa compra
 ‘A Maria compra uma blusa.’
- c. Maria *kauft* eine Bluse.
 a Maria compra uma blusa
 ‘A Maria compra uma blusa.’
- d. *Hans sagte, *daß* Maria *kauft* eine Bluse.
 Hans disse que a Maria compra uma blusa
 ‘O Hans disse que a Maria compra uma blusa.’

Se o fenômeno V-2 e os complementizadores não podem coocorrer (ver a agramaticalidade de (56d)), isto nos leva a crer que o verbo finito e o complementizador preencham a mesma posição na SS, ou seja, C na representação (57).



Um argumento adicional para esta afirmação vem de casos como (58):

- (58) a. Ich glaube, *daß* Hans Maria *liebt*.
eu acho que João Maria ama
'Eu acho que o João ama a Maria.'
- b. (Ich glaube) Hans *liebt* Maria.
eu acho o Hans ama a Maria
'Eu acho que o Hans ama a Maria.'

Em (58d) encontramos exemplos com um verbo-ponte (*bridge-verb*), cujas propriedades de subcategorização foram caracterizadas por Haider (1984). Sabemos que o tipo de sentença subordinada depende das propriedades de subcategorização do verbo matriz. Para Haider, a posição C é responsável pela subcategorização da sentença subordinada. Isto corresponde a dizer que, se o verbo matriz seleciona um complementizador (ou um elemento-Wh), o verbo estará na posição final. Os *bridge-verbs* têm um tipo de subcategorização alternativo: eles podem selecionar o complementizador *daß* (como em (58a)) ou uma sentença V-2 finita (como em (58b)). Em outras palavras, os *bridge verbs* podem selecionar:

- (i) um complementizador [-Wh], e portanto uma sentença verbo-final
(ii) um INFL finito, e portanto uma sentença V-2

Weerman (1989) afirma que em uma sentença principal declarativa o verbo finito deve ser antecedido por um e apenas um constituinte, sendo que este constituinte não corresponde necessariamente ao NP sujeito. Veja em (59):

- (59) a. Maria *kauft* einen Mantel.
Maria compra um casaco
- b. Einen Mantel *kauft* Maria.
- c. *Maria einen Mantel *kauft*.

Nas sentenças "hipotéticas" do alemão o verbo pode aparecer em duas posições diferentes:

(60) a. Sie führt sich auf, als **ob** sie ein Familienglied ~~FS~~ *wäre*.
ela comporta se prep como se ela um membro de família fosse
'Ela se comporta como se fosse um membro da família.'

b. Sie führt sich auf, als *wäre* sie ein Familienglied.
ela comporta se prep como fosse ela um membro da família
'Ela se comporta como se fosse um membro da família.'

Observe que em (60a) o verbo finito se encontra na posição final e que o complementizador *ob* aparece na segunda posição, enquanto em (60b) não existe nenhum complementizador e o verbo finito encontra-se na segunda posição. Este fato levou à conclusão de que, na presença de um complementizador, o verbo finito ocupa a posição final de uma sentença encaixada e que, na ausência de um complementizador, o verbo finito deve subir até a posição do complementizador (C). Se postularmos que C, por alguma propriedade morfológica, não pode permanecer vazio em alemão, explicaremos o fato de as sentenças subordinadas com complementizador apresentarem o verbo finito na posição final e as sentenças subordinadas sem complementizador apresentarem o verbo finito na segunda posição.

A ordem das palavras na sentença raiz resulta da aplicação da regra de movimento do verbo e da "regra de topicalização". No entanto, segundo Haider (1986), em determinados casos a "regra de topicalização" não ocorre e a posição pré-verbal é preenchida pelo expletivo *es*. Observe seus exemplos repetidos em (61):

(61) a. *Es* irrt der Mensch, solange er strebt.
expl erra o homem enquanto ele se esforça
'O homem erra enquanto se esforça.'

b. Der Mensch irrt, solange er strebt.
o homem erra enquanto ele se esforça
'O homem erra enquanto se esforça.'

c. Solange er strebt, irrt der Mensch.
enquanto ele se esforça erra o homem
'Enquanto se esforça, o homem erra.'

O expletivo só pode ocorrer em uma posição-A. A sentença se torna agramatical se o expletivo permanecer quando a primeira posição for ocupada (62).

- (62) *Wer irrt *es*, solange er strebt?
quem erra expl enquanto ele se esforça
'Quem erra enquanto se esforça?'

O expletivo *es* parece ocorrer somente na posição inicial (Spec,CP). Segundo Cardinaletti (1990), o expletivo é gerado no [Spec,IP] e se move até o [Spec,CP] a fim de satisfazer a teoria casual, recebendo o caso nominativo que, em línguas V-2 é atribuído por regência (se estabelece uma relação local entre o verbo e o expletivo). Desta breve discussão sobre expletivos conclui-se então que [Spec,CP] pode ser uma posição A em alemão.

Sabemos que a diferença básica entre as sentenças principais e subordinadas é o fato de o verbo aparecer na primeira ou na segunda posição nas principais e na posição final nas subordinadas. Observe abaixo algumas sentenças subordinadas introduzidas por conjunções (os exemplos (63) e (64) são de Homberger (1989)).

- (63) a. Wir bleiben zu Hause, **denn** es *regnet*.
nós ficamos em casa pois expl chove
'Nós ficaremos em casa, pois está chovendo.'
- b. Wir bleiben zu Hause, **weil** es *regnet*.
nós ficamos em casa porque expl chove
'Nós ficaremos em casa porque está chovendo.'
- (64) a. Wir bleiben zu Hause, **denn** es *regnet* in Strömen.
nós ficamos em casa pois expl chove torrencialmente
'Nós ficaremos em casa, pois está chovendo torrencialmente.'
- b. Wir bleiben zu Hause, **weil** es in Strömen *regnet*.
nós ficamos em casa porque expl torrencialmente chove
'Nós ficaremos em casa porque está chovendo torrencialmente.'

Nos exemplos (63a) e (63b) parece que as conjunções *denn* e *weil* apresentam as mesmas propriedades sintáticas, ocupando (aparentemente) a mesma posição na

estrutura. É nos exemplos (64a) e (64b), com o acréscimo de um constituinte, que fica clara a diferença entre estas conjunções: *denn* introduz uma sentença V-2, enquanto *weil* introduz uma sentença V-F (verbo-final).

Para os gramáticos tradicionais tanto as conjunções coordenativas quanto as subordinativas aparecem “isoladas” entre as duas sentenças que elas ligam. Veja a representação que eles apresentam em (65).

			O		I		II	
(65) a.	Du	spielst	Tennis,	und	ich	trinke	Kaffee.	
	tu	jogas	tênis	e	eu	tomo	café	
	‘Tu jogas tenis e eu tomo café.’							

			O		I		F	
b.	Du	spielst	Tennis,	während	ich	Kaffee	trinke	
	tu	jogas	tênis	enquanto	eu	café	tomo	
	‘Tu jogas tênis enquanto eu tomo café.’							

Se estas conjunções encontram-se à esquerda da primeira posição, devemos determinar que posição é esta, ou melhor, que posições são estas, já que as conjunções coordenativas são seguidas por sentenças com a ordem V-2 e as subordinativas são seguidas por sentenças com a ordem verbo-final.

Segundo Luscher & Schäpers (1982), as conjunções alemãs são divididas em três grupos que apresentam uma sintaxe bastante diferenciada.

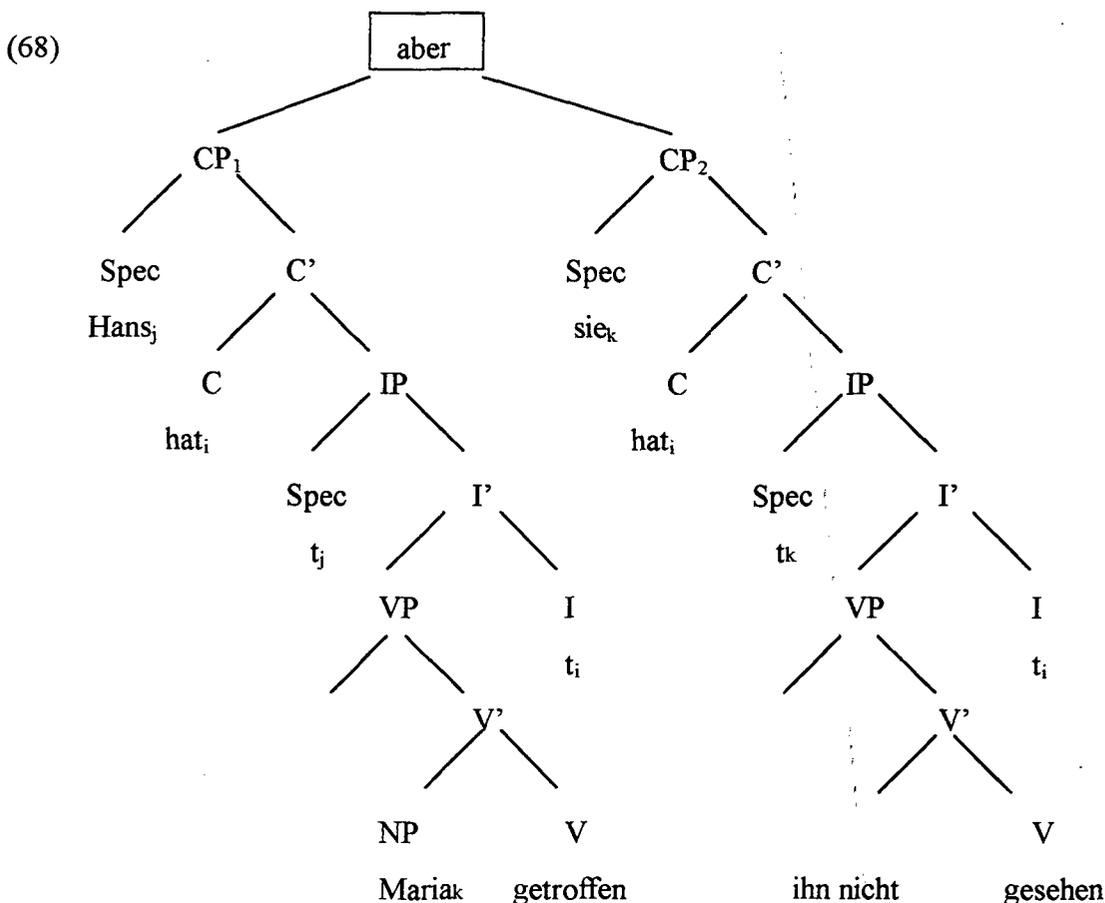
(66) a. Ich arbeite in München, **aber** ich *wohne* in Augsburg.
 eu trabalho em Munique mas eu moro em Augsburg
 ‘Eu trabalho em Munique, mas eu moro em Augsburg.’

b. Ich gehe nicht spazieren, **weil** das Wetter schlecht *ist*.
 eu vou não passear porque o tempo ruim é
 ‘Eu não vou passear porque o tempo está ruim.’

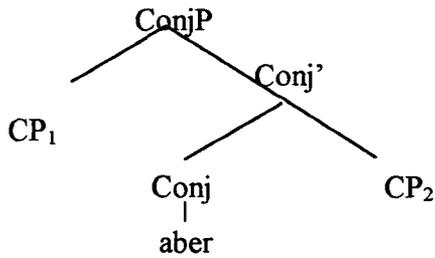
c. Komm schnell, **sonst bekommst** du nichts.
 vem logo senão recebes tu nada
 ‘Vem logo, senão tu não ganhas nada.’

Em (66a) a segunda sentença principal é introduzida por *aber*, uma conjunção coordenativa. Segundo Kars & Häussermen (1988), as conjunções coordenativas encontram-se fora das sentenças, isto é, não contam como o primeiro constituinte da sentença. Para os gramáticos tradicionais estas conjunções ligam constituintes sentenciais, duas sentenças subordinadas ou duas sentenças principais sem modificar a estrutura das sentenças. Esta mesma intuição pode ser aproveitada no quadro da TRL. Poderíamos representar a estrutura-S da sentença em (67) de duas formas, como em (68) ou como em (69).

(67) Hans hat Maria getroffen, aber sie hat ihn nicht gesehen.
 Hans tem a Maria encontrado mas ela tem ele não visto
 'Hans encontrou a Maria, mas ela não o viu.'



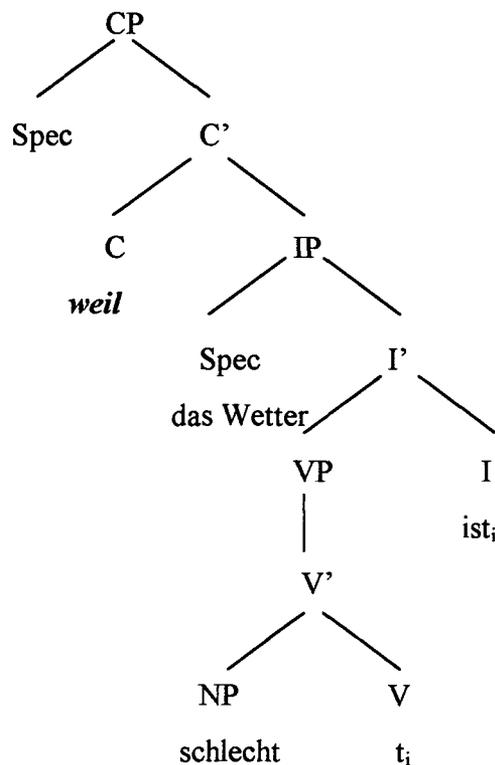
(69)



Tanto (68) quanto (69) são representações possíveis para (67), entretanto (69) implica no fato de o CP₁ c-comandar o CP₂.

Em (66b) a sentença subordinada é introduzida por uma conjunção subordinativa, *weil*. A gramática tradicional explica este tipo de conjunções como aquele que introduz uma oração subordinada em uma oração principal, exigindo que o verbo seja colocado no final da oração por ele introduzida. Em termos de TRL, podemos dizer que as conjunções subordinativas preenchem a posição C. Isto explica o fato de o verbo finito encontrar-se na posição final. Desta forma, a representação de (66b) seria (70).

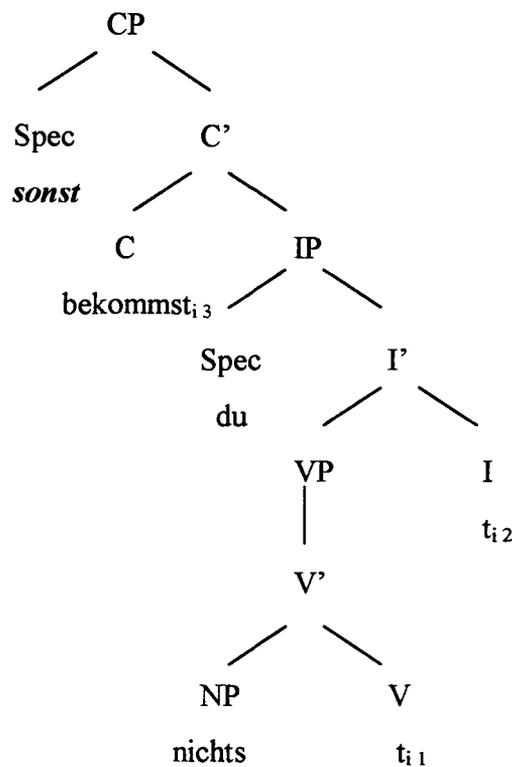
(70)



Em (66c), a segunda sentença é introduzida pela conjunção adverbial *sonst*. Alguns advérbios podem funcionar como conjunções subordinativas. Neste caso, porém, o verbo *lhes* segue imediatamente, o que, em nosso quadro teórico, pode receber a seguinte formulação: tendo verificado que o verbo não se encontra na posição final, as conjunções adverbiais não podem estar na posição C. O fato de o verbo finito encontrar-se na posição C nos leva a acreditar que este tipo de conjunções preencha, na realidade, a posição de especificador de CP.

Existe aqui uma correlação com a assunção da presença de um operador nulo precedendo o verbo finito nas supostas sentenças V-1. Tal assunção encorre no fato de um constituinte sempre preencher o [Spec,CP] quando o verbo finito se encontrar em C, independentemente de este constituinte ser lexicalmente realizado. Se assumirmos a existência do operador nulo em [Spec,CP] nas sentenças V-1, somos forçados a dizer que as conjunções adverbiais também preencham esta posição. A representação de (66c) seria (71).

(71)

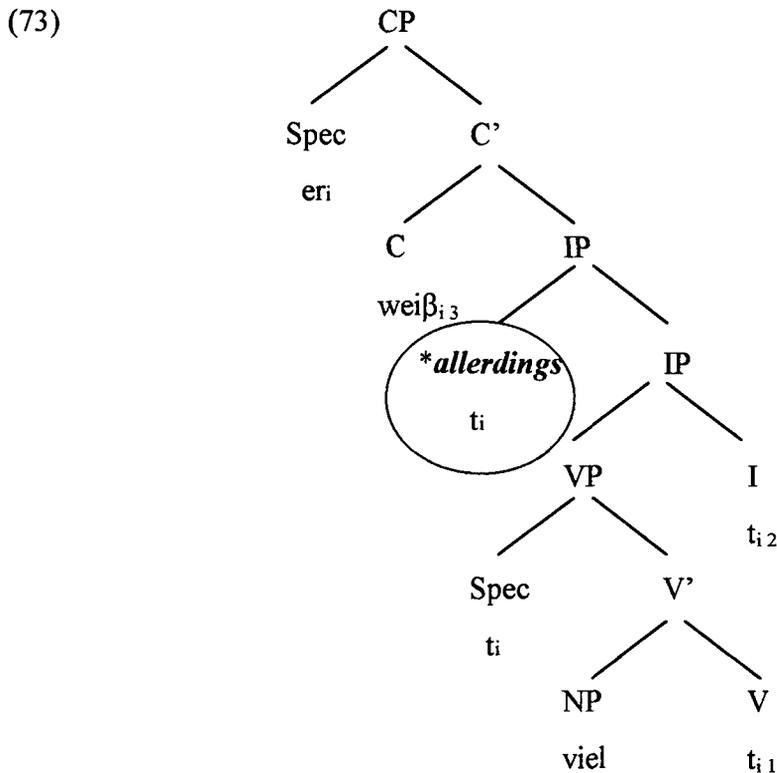


As conjunções adverbiais contam como o primeiro constituinte da sentença. Uma outra característica que lhes é particular é o fato de algumas delas poderem aparecer também no meio da sentença (72), como em português. Mas observe que, se a conjunção não ocupa a primeira posição, algum constituinte se move para o início da sentença a fim de ocupá-la.

(72) a. Begabt ist er nicht, **allerdings** weiß er viel.
 inteligente é ele não no entanto sabe ele muito
 ‘Ele não é inteligente, no entanto ele sabe muito.’

b. Begabt ist er nicht, er weiß **allerdings** viel.
 inteligente é ele não ele sabe no entanto muito
 ‘Ele não é inteligente, no entanto ele sabe muito.’

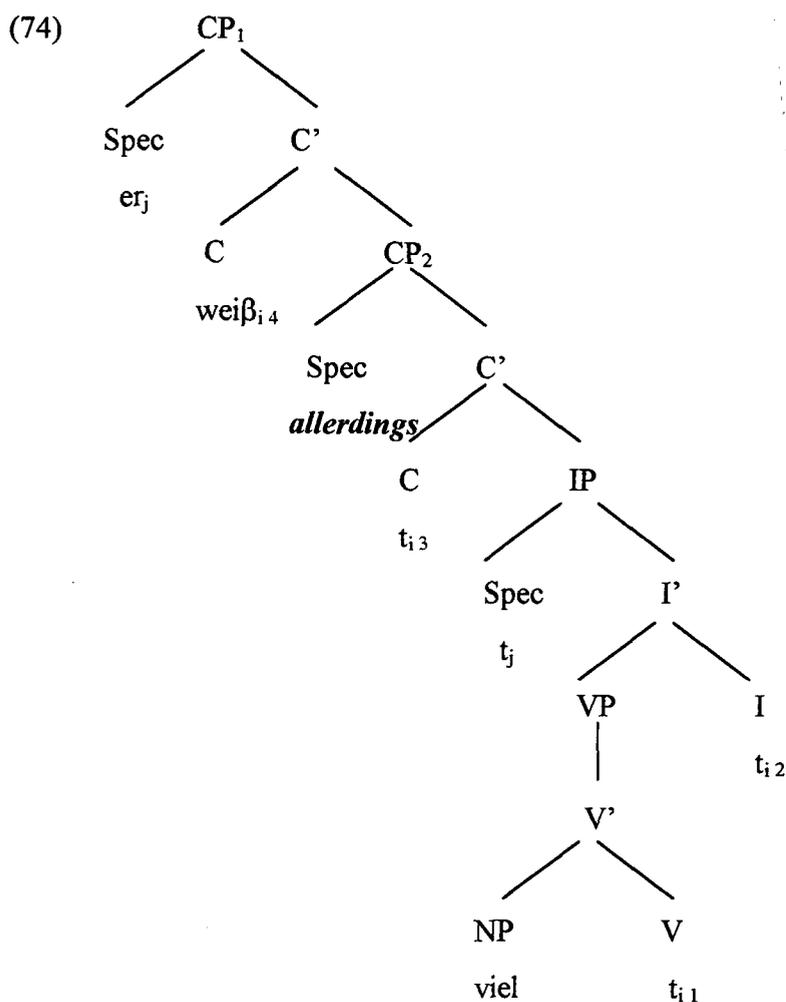
Uma possível representação da sentença subordinada de (72b) é (73).



Em (72b) o NP-sujeito *er* ‘ele’ preenche a posição do especificador de CP. Veja que, em (72a), é a conjunção adverbial que preenche o [Spec,CP] e o NP-sujeito

preenche o [Spec,IP]. Sendo assim, a conjunção não pode preencher o [Spec,IP] em (72b), pois esta é a posição canônica de sujeito e, quando o NP-sujeito se alça para o [Spec,CP] em uma sentença V-2 ele deixa um vestígio em [Spec,IP]. Talvez a conjunção adverbial se encontre em uma posição de adjunção a IP como em (73) ou em uma posição de adjunção ao VP, como alguns advérbios.

Por outro lado, poderíamos postular uma duplicação da projeção do complementizador, como Platzack (1986), para explicar a ordem linear da sentença em (72b). A estrutura resultante seria (74).



Neste caso, o NP-sujeito seria alçado do [Spec,IP], uma posição A, até o [Spec,CP₁], também uma posição A, passando diretamente sobre a posição de [Spec,CP₂], já que esta seria uma posição A'.

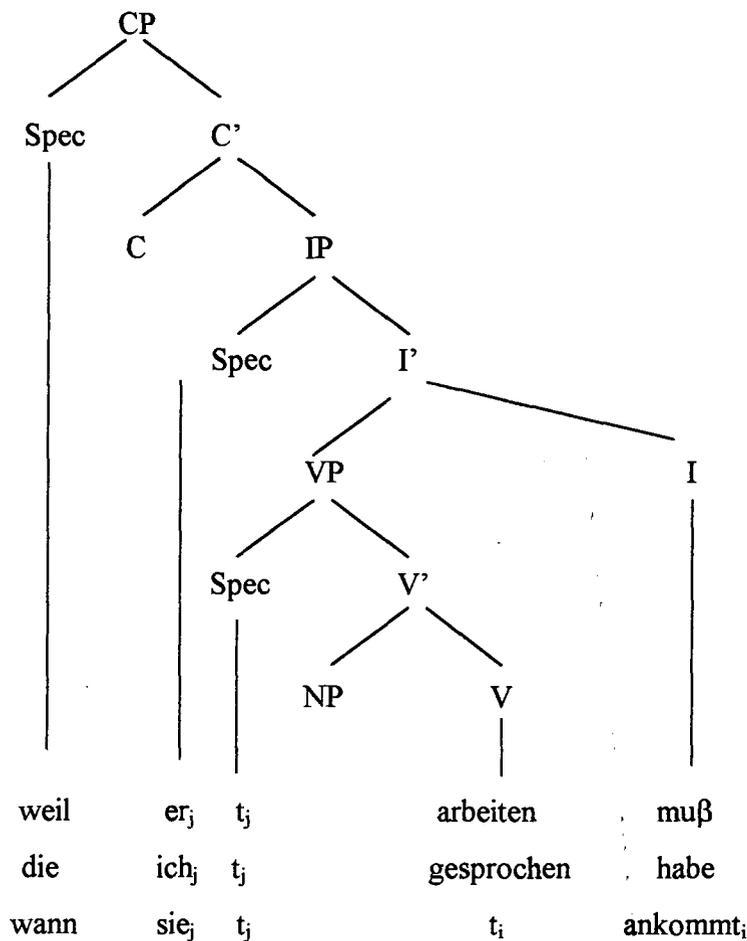
Ainda segundo Luscher & Schäpers (1982), existem três tipos de sentenças subordinadas, exemplificadas em (75):

- (75) a. Die Frau, **die** ich gesprochen habe, ist meine Nachbarin.
a mulher a eu falado tenho é minha vizinha
'A mulher com quem eu falei é minha vizinha.'
- b. Er hat keine Zeit zum Skilaufen, **weil** er arbeiten muß.
ele tem nenhum tempo para esquiara porque ele trabalhar precisa
'Ele não tem tempo para esquiara porque tem que trabalhar.'
- c. Ich weiß nicht, **wann** sie ankommt.
eu sei não quando ela chega
'Eu não sei quando ela chega.'

A sentença subordinada pode ser introduzida por um pronome relativo (como *die* 'a' em (75a)), por uma conjunção subordinativa (como *weil* 'porque' em (75b)) ou por um elemento interrogativo (como *wann* 'quando' em (75c)).

Observe que estes três tipos de sentenças subordinadas, descritos pela gramática tradicional, podem ser representados por apenas uma estrutura de sentença encaixada, no espírito da TRL. Para este fim, devemos assumir que a conjunção subordinativa *weil* não precisa, necessariamente, ocupar a posição C (como em (70)) para evitar a subida do verbo finito. O resultado seria a seguinte representação:

(76)



A representação estrutural fornecida em (76) é válida para qualquer sentença encaixada alemã. E representa a ordem subjacente do alemão dentro de algumas análises da TRL.

A diferenciação feita pelos gramáticos tradicionais entre sentenças encaixadas introduzidas por pronomes relativos, conjunções subordinativas ou elementos-Wh é desnecessária. O importante é que, estando a posição de [Spec,CP] preenchida, o verbo finito não precisa ser alçado até C neste tipo de sentença, pois o alemão não apresenta a projeção de complementizador duplamente preenchida por dois núcleos especificadores.

(77) *(Er hat keine Zeit,) *weil muß* er arbeiten.
ele tem nenhum tempo porque precisa ele trabalhar
'Ele não tem tempo porque ele precisa trabalhar.'

Existem dois tipos de sentenças subordinadas que não apresentam o verbo finito na posição final. As chamadas “comparativas irrealis” (como (60b) repetida em (78a)) e as sentenças subordinadas selecionadas por um *bridge verb* (verbo ponte) como *sagen* (dizer), *antworten* (responder), *meinen* (pensar) e outros, já discutidos em 4.2.. Nestes casos, o verbo encontra-se na segunda posição, C, e o complementizador *daß* não se faz presente (78b).

- (78) a. Sie führt sich auf, als **wäre** sie ein Familienglied.
ela comporta se prep como fosse ela um membro da família
‘Ela se comporta como se fosse um membro da família.’
- b. Sie sagte, sie **wäre** gern gekommen.
ela disse ela seria com prazer vindo
‘Ela disse que gostaria de ter vindo.’

Segundo Kars & Häussermann (1988), as sentenças subordinadas aparecem, geralmente, após uma sentença principal (79a). Mas elas podem, também, preceder a principal (79b) ou ainda aparecer no meio dela (79c).

- (79) a. Ich werde verrückt, **wenn die Musik so laut spielt**.
eu fico louco se a música tão alto tocar
‘Eu enlouqueço se a música tocar tão alto.’
- b. **Wenn die Musik so laut spielt**, werde ich verrückt.
- c. Ich werde, **wenn die Musik so laut spielt**, verrückt.

Para os gramáticos tradicionais, o fato de que, quando a subordinada precede a principal, ela conta como o primeiro constituinte da sentença principal (79b) confirma a assunção de as conjunções não fazerem parte da estrutura sentencial. Veja o exemplo em (80):

- (80) Wenn wir den Tresor wirklich knacken, **dann** sind wir Millionäre.
se nós o cofre realmente quebrar então somos nós milionários
Se realmente quebrarmos o cofre, então seremos milionários.’

Em (80) a conjunção *dann* não pode contar como o primeiro constituinte da sentença principal, uma vez que a primeira sentença subordinada inteira conta como o primeiro constituinte.

Segundo Kars & Häussermann (1988), a sentença subordinada invertida (aquela que precede a principal) geralmente apresenta uma conjunção, como em (81a), mas pode também ocorrer na ausência de conjunção, como em (81b). Neste caso, a sentença subordinada é construída como uma sentença V-1.

(81) a. Wenn ich die Adresse *wüßte*, *würde* ich sie dir geben.
se eu o endereço soubesse iria eu ele te dar
'Se eu soubesse o endereço, eu te daria.'

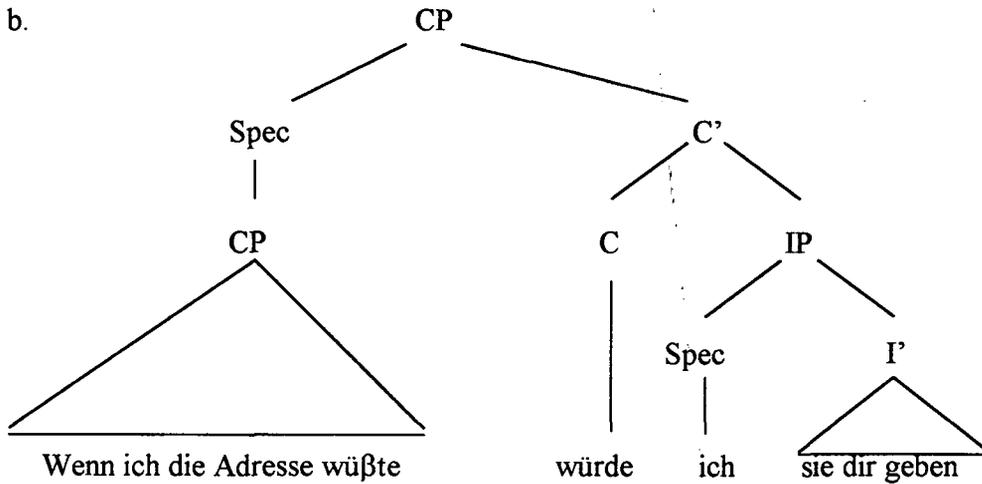
b. *Wüßte* ich die Adresse, *würde* ich sie dir geben.
soubesse eu o endereço iria eu ele te dar
'Se eu soubesse o endereço, eu te daria.'

c. *Die Adresse *wüßte* ich, *würde* ich sie dir geben.
o endereço soubesse eu iria eu ele te dar
'Soubesse eu o endereço eu te daria.'

Sabemos que em (81a) a conjunção *wenn* encontra-se em [Spec,CP], já que o verbo finito *wüßte* aparece na posição final.

O fato de a sentença subordinada invertida contar como o primeiro constituinte da sentença principal pode ser traduzido, nos termos da TRL, se assumirmos a representação em (82).

(82) a. [_{Spec,CP} Wenn ich die Adresse wüßte [C würde ich sie dir geben]].



Segundo a TRL, a assimetria na ordem da sentença raiz e da subordinada é resultado do parâmetro núcleo-final e do fenômeno V-2. O parâmetro núcleo-final determina a ordem da sentença subordinada (que corresponde à ordem subjacente), enquanto o fenômeno V-2 ocasiona a subida do verbo finito na sentença raiz.

A diferença na ordem de sentenças introduzidas por conjunções coordenativas, subordinativas e adverbiais pode ser explicada da seguinte forma: as conjunções coordenativas introduzem uma sentença principal (V-2) preenchendo alguma posição acima do CP e, deste modo, não contando como primeiro constituinte. As conjunções subordinativas introduzem uma sentença subordinada que, como tal, apresenta a ordem V-F. Já as conjunções adverbiais que (assim como as coordenativas) introduzem uma sentença principal, ocupam o [Spec,CP] e contam como primeiro constituinte.

A gramática tradicional diferencia três tipos de sentenças subordinadas: as introduzidas por pronome relativo, as introduzidas por conjunção subordinada e as introduzidas por elemento interrogativo. Dentro do quadro teórico da TRL, foi possível fornecer uma única estrutura sentencial adequada a todos estes casos.

4.3. AS SENTENÇAS INTERROGATIVAS E IMPERATIVAS

Segundo Grewendorf (1988), diferencia-se três tipos de sentenças interrogativas em alemão:

a) Interrogativas Sim/Não (Interrogativas sentenciais)

(83) Gehst du mit ins Kino?
vais tu com ao cinema
'Tu vais junto ao cinema?'

b) Interrogativas disjuntivas (que correspondem a duas interrogativas Sim/Não coordenadas)

(84) Gehst du mit ins Kino oder arbeitest du?
vais tu com ao cinema ou trabalhas tu
'Tu vais junto ao cinema ou vais trabalhar?'

c) Interrogativas-Wh

(85) Wer geht ins Kino?
quem vai ao cinema
'Quem vai ao cinema?'

Como já vimos no capítulo anterior, as interrogativas-Wh (em (86b) e (86c)), como as sentenças principais declarativas (em (86a)), apresentam o verbo sempre na segunda posição.

(86) a. Maria wohnt in München.
Maria mora em Munique
'A Maria mora em Munique?'

b. Wer wohnt in München?
quem mora em Munique
'Quem mora em Munique?'

c. Wo wohnt Maria?
onde mora a Maria
'Onde a Maria mora?'

As interrogativas-Wh não se apresentam apenas como sentenças raízes (interrogativas diretas) (86b-c) e (87), podendo também aparecer como sentenças subordinadas (interrogativas indiretas) (88). Neste caso, elas são complementos subcategorizados por determinados verbos (como por exemplo o verbo *wissen* 'saber' e o verbo *fragen* 'perguntar', que selecionam sentenças interrogativas). O verbo matriz seleciona um CP que será o núcleo de seu complemento, como vemos em (89).

(87) Was ist er von Beruf?
 o que é ele por trabalho
 'Qual é a profissão dele?'

(88) Ich weiß nicht, was er von Beruf ist.
 eu sei não o que ele por trabalho é
 'Eu não sei qual é a profissão dele.'

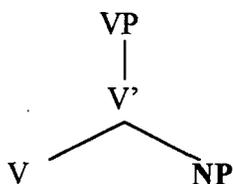
(89) a. Eu acho [C -Wh]
 b. Eu me pergunto [C +Wh]

C, por sua vez, seleciona um IP finito ou não-finito como complemento (observe (90)):

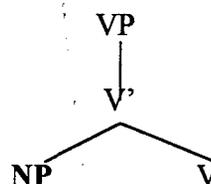
(90) a. Eu acho [C que [IP +finito]
 b. Eu te convidei [P para [CP [IP -finito]

A estrutura-D das interrogativas-Wh apresenta o elemento-Wh interno ao sintagma verbal (VP), numa posição interna, e esta é a sua posição de base. Observe as representações em (91a-b)

(91) a.



b.



A teoria X-barra fixa o formato dos constituintes, mas a ordem linear de seus elementos depende das variações paramétricas. Deste modo, (91a) apresenta a estrutura do VP em línguas núcleo-iniciais, como o português, o italiano, o francês e o inglês, que apresentam a ordem subjacente SVO. (91b), por outro lado, apresenta a estrutura do VP em línguas núcleo-finais, como o alemão, o holandês e o japonês, que apresentam a ordem subjacente SOV.

Para se transformar em um operador, o elemento-Wh precisa se mover até a posição [Spec,CP], uma posição A', de onde ele terá escopo sobre toda a sentença. Isto é um princípio da gramática, mas o momento da derivação em que isto ocorre depende da parametrização das línguas. Em inglês, por exemplo, o elemento-Wh não pode permanecer *in situ*, isto é, em sua posição de base (com exceção de interrogativas múltiplas, que apresentam a condição de superioridade, onde o elemento mais alto na estrutura se move até a posição [Spec,CP] e o outro permanece na posição de base, que pode ser A ou A'). Tal fato acarreta a necessidade de este movimento acontecer entre a DS e a SS. Em japonês, no entanto, o elemento-Wh permanece *in situ* na SS, tornando-se um operador apenas na LF.

Segundo Rizzi (1991), o operador interrogativo deve estar no Spec de um CP interrogativo, em relação Spec/núcleo com um C também interrogativo. Deste modo ele formulou o critério-Wh como em (92):

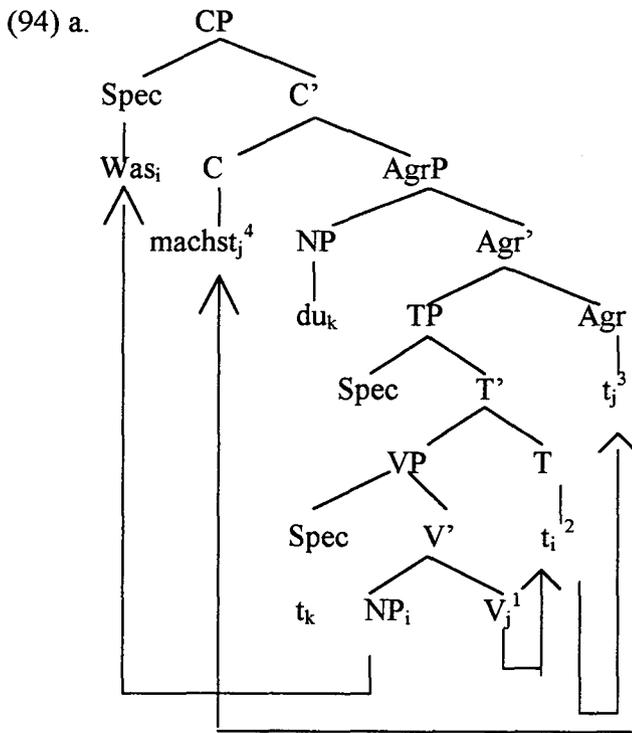
(92) Critério-Wh

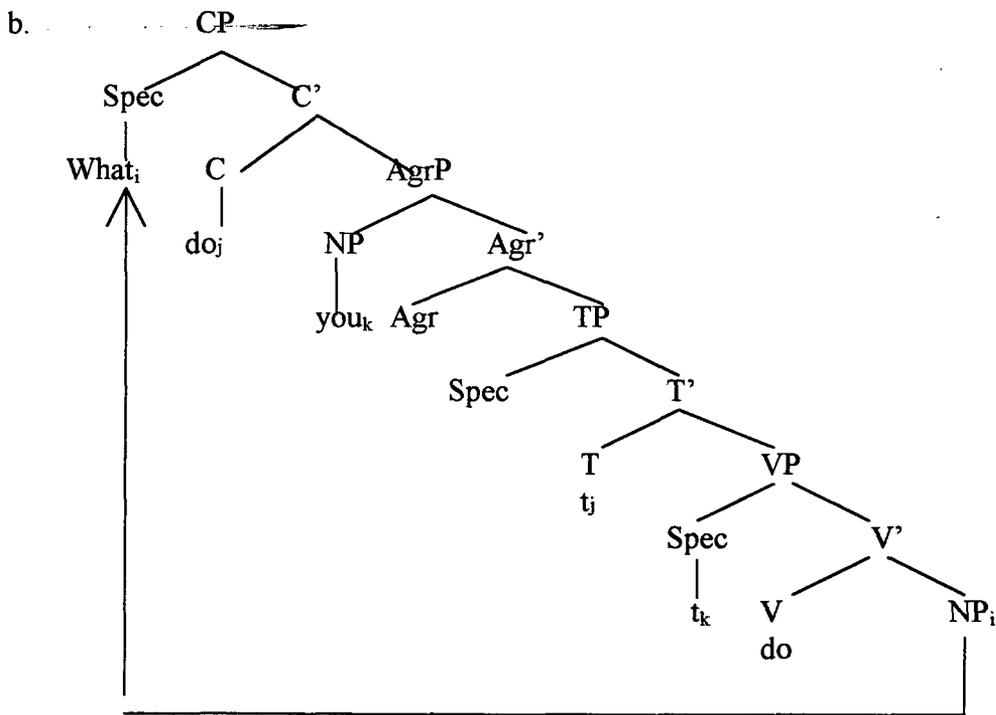
- a. Um operador +Wh tem de estar numa configuração Spec-núcleo com um núcleo +Wh
- b. Um núcleo +Wh tem de estar numa configuração Spec-núcleo com um operador +Wh

Já sabemos que o elemento-Wh deve se mover até a posição [Spec,CP]. Vejamos agora como isto acontece. Segundo Kayne (1993), o movimento sempre se dá de forma ascendente, isto é, para uma posição de c-comando. Observe a representação estrutural de (93) em (94) e veja como ocorrem todos os movimento postulados:

(93) a. Was machst du?
 o que fazes tu
 'O que tu fazes?'

b. What do you do?
 o que Aux tu faz
 'O que tu fazes?'





(94a) representa uma interrogativa direta em alemão (uma língua núcleo-final) e (94b) representa uma interrogativa direta em inglês (uma língua núcleo-inicial).

Tanto (94a) quanto (94b) apresentam a estrutura defendida por Belletti (1990), onde o IP se desmembra em AgrP e TP, sendo que AgrP domina TP. Faz-se importante, ainda, ressaltar que o primeiro estudioso a desmembrar o IP em duas projeções máximas independentes foi Pollock (1989). Ele desenvolveu esta tese a partir da observação de que os verbos se apresentavam em diferentes posições no francês e no inglês. Mas para Pollock o IP se desmembra em TP e AgrP, sendo que TP domina AgrP.

Segundo Pollock (1989), a flexão em inglês é morfologicamente mais fraca do que em francês. Por isto a flexão do inglês é “opaca” à atribuição de papel temático, enquanto a flexão do francês é “transparente”, razão pela qual o verbo lexical pode ser alçado até T em francês, mas não em inglês.

Observe os sistemas flexionais do inglês, do francês e do alemão (em (95)):

(95) a. I work	b. je travaille	c. ich arbeite
you work	tu travailles	du arbeitest
he works	il travaille	er arbeitet
we work	nous travaillons	wir arbeiten
you work	vous travaillez	ihr arbeitet
they work	ils travaillent	sie arbeiten

Note que assim como o francês, o alemão possui um sistema flexional morfologicamente mais rico do que o inglês.

Segundo o quadro teórico de Pollock (1989) podemos explicar as diferenças sintáticas apresentadas em (94a) e (94b). O alemão tem um sistema flexional morfologicamente rico, como vimos em (95c), então o seu verbo principal consegue mover-se até C. O inglês, por outro lado, apresenta um sistema flexional morfologicamente pobre (como vimos em (95a)) e, por isto, o seu verbo principal não consegue se mover, o que acaba acarretando (i) o movimento do afixo (um movimento descendente) em sentenças declarativas afirmativas e (ii) a inserção lexical de *do* em sentenças negativas e interrogativas (nestes casos, para se mover até a posição C, a fim de satisfazer o critério-Wh).

Segundo a análise gerativa padrão o alemão é uma língua germânica que apresenta a ordem subjacente SOV. Como vimos em 4.2., esta língua apresenta uma assimetria entre as sentenças raízes e as sentenças encaixadas. Dentro desta análise, as sentenças encaixadas refletem a ordem subjacente (SOV) com o verbo no final da sentença em sua SS, sejam sentenças encaixadas finitas (como em (96a)) ou infinitivas (como em (96b)). Por outro lado, nas sentenças raízes o verbo finito sofre o chamado fenômeno V-2 entre a DS e a SS, apresentando-se, assim, na segunda posição (como em (97a-b)). Lembre-se que o verbo finito sempre se apresenta na segunda posição em sentenças matrizes, não importando a natureza do primeiro constituinte.

- (96) a. Ich glaube, daß Hans morgen nach Hause fährt.
 eu acho que João amanhã para casa viaja
 'Eu acho que o João viaja amanhã para casa.'

b. Hans versucht, morgen nach Hause zu fahren.
João tenta amanhã para casa viajar
'O João tenta viajar para casa amanhã.'

(97)a. Hans fährt morgen nach Hause.
Hans viaja amanhã para casa
'Hans viaja amanhã para casa.'

b. Morgen fährt Hans nach Hause.
amanhã viaja Hans para casa
'Amanhã o Hans viaja para casa.'

Parece que o elemento-Wh em uma sentença interrogativa (que verse sobre o objeto (como *wen* em (98a))) e o NP-objeto de uma sentença declarativa (como *den* Papst em (98b)) se apresentam em distribuição complementar. Estes constituintes ocupam a mesma posição sintática e recebem o mesmo papel temático do verbo, por isto, não podem co-ocorrer, veja (98c), uma vez que um papel temático deve ser atribuído a um (e somente um) constituinte. Veja os exemplos de Grewendorf (1989 (7-4)) repetidos em (98):

(98) a. **Wen** hat Peter gesehen?
quem tem Pedro visto
'Quem o Pedro viu?'

b. Peter hat **den Papst** gesehen.
Pedro tem o papa visto
'Pedro viu o papa.'

c. * **Wen** hat der Peter **den Papst** gesehen?
a quem tem o Pedro o papa visto
'*Quem viu o Pedro o papa?'

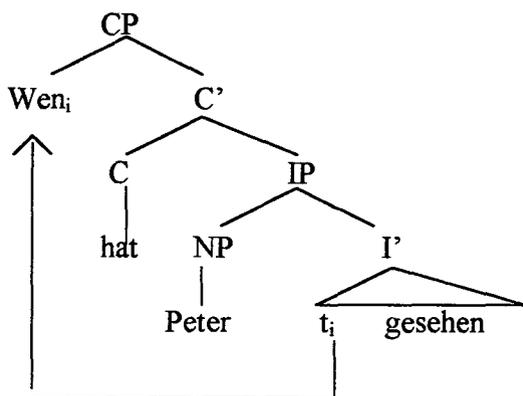
Observe em (99) que as interrogativas-Wh diretas apresentam a ordem V-2, enquanto as interrogativas indiretas apresentam a ordem verbo-final.

(99) a. Was hast du getan?
o que tens tu feito
'O que tu fizestes?'

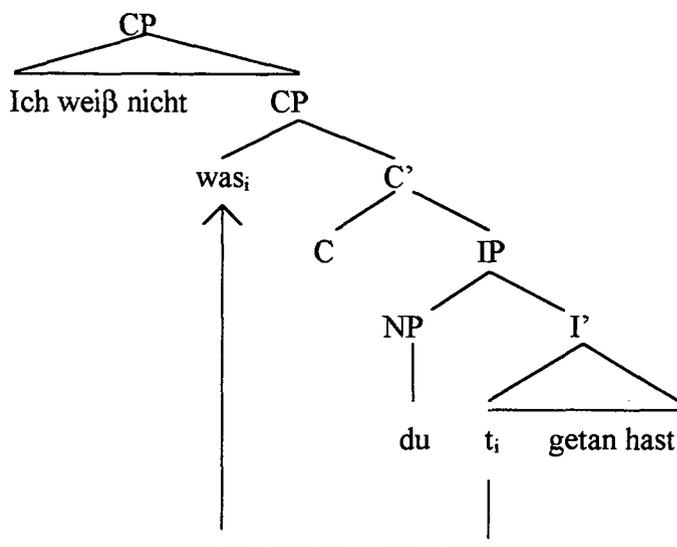
- b. Ich weiß nicht, was du getan hast.
 eu sei não o que tu feito tens
 'Eu não sei o que tu fizestes.'

Vejamos a representação estrutural de (99a-b) em (100a-b)

(100) a.



b.



Note que em (100b) a posição C da sentença encaixada permanece vazia. Esta é a posição ocupada pelos complementizadores nas sentenças encaixadas declarativas.

Existem algumas restrições operando sobre o movimento-Wh. Este movimento só pode ocorrer para o [Spec,CP] e, somente, para uma posição [Spec,CP] vazia. Além disto nota-se que um vestígio deste tipo de movimento não pode estar em qualquer posição na estrutura. Veja a assimetria entre o inglês e o alemão em (101) e (102):

- (101) a. John spoke to Mary.
 João falou para Maria
 ‘O João falou para a Maria.’
- b. Who_i did John speak to t_i?
 quem Aux João falar com
 ‘Com quem o João falou?’

- (102) a. Hans sprach mit Maria. = Hans hat mit Maria gesprochen.
 Hans falou com Maria
 ‘O João falou com a Maria.’

- b. *Wem_i sprach Hans mit t_i? = *Wem hat Hans mit gesprochen?
 quem falou João com
 ‘Com quem o João falou?’

- c. Mit wem sprach Hans? = Mit wem hat Hans gesprochen?
 com quem falou João
 ‘Com quem o João falou?’

Como já foi mencionado em 4.1., em alemão a restrição que atua sobre a posição ocupada pelo vestígio-Wh é mais forte que em inglês. Isto é, o alemão não dispõe de estruturas com *preposition stranding* como o inglês e só aceita estruturas com *pied piping* como o português (veja (103)):

- (103) a. O João falou com a Maria.
 b. *Quem_i o João falou com t_i?
 c. Com quem o João falou?

Existe, ainda, uma limitação sobre o “caminho” do movimento-Wh, isto é, sobre a distância entre o ponto de partida e o ponto de chegada. Observe as sentenças em (104), onde o elemento-Wh passa pelas fronteiras sentenciais até atingir o [Spec,CP] mais alto da estrutura (os exemplos são de Grewendorf (1988)):

- (104) a. Was, glaubt Hans, fürchtet Maria?
 o que acha Hans teme Maria
 ‘O que o Hans acha (que) a Maria teme?’

- b. Was, glaubt Hans, fürchtet sie, werde Peter tun?
 o que acha Hans teme ela irá Peter fazer
 ‘O que o Hans acha (que) ela teme (que) o Peter fará?’
- c. Was, sagte Hans, glaube Karl, fürchtet Maria, werde Peter tun?
 o que disse Hans acha Karl teme Maria irá Peter fazer
 ‘O que o Hans disse (que) o Karl acha (que) a Maria teme (que) o Peter faça?’

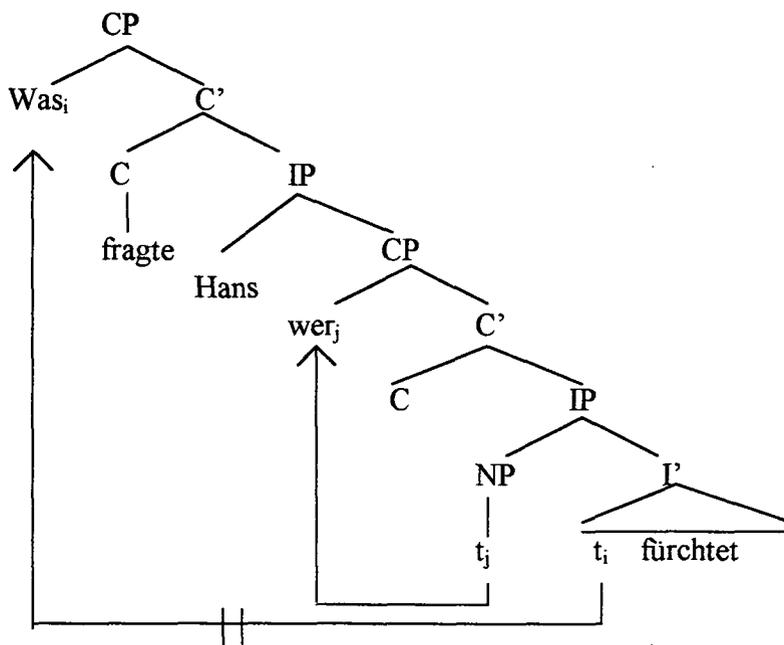
A princípio acreditou-se que o movimento-Wh simplesmente pulasse todas estas fronteiras sentenciais, mas evidências como a agramaticalidade de (105) levaram a duvidar disto.

- (105) a. *Was fragte Hans, wer fürchtet?
 o que perguntou Hans quem teme
 ‘O que o Hans perguntou quem teme?’

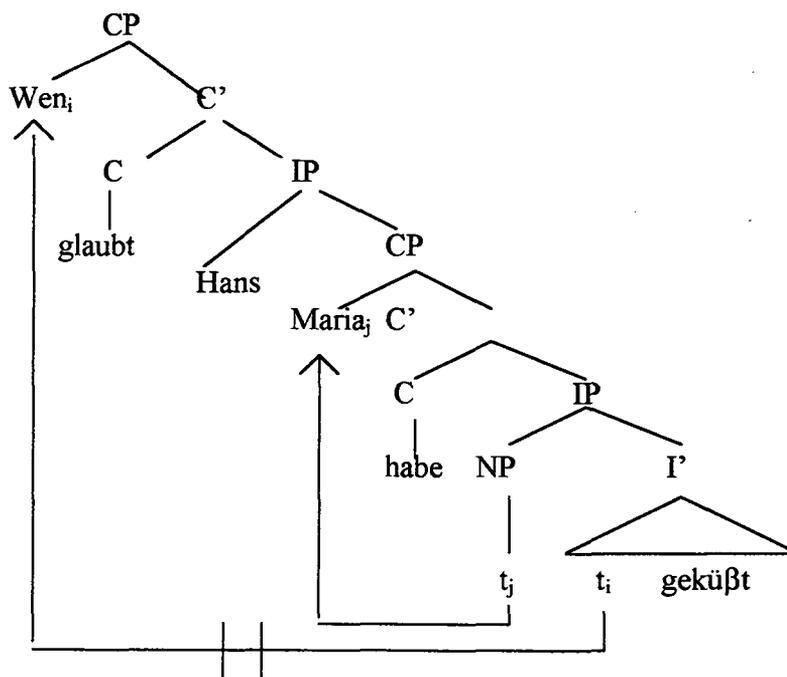
- b. *Wen, glaubt Hans, Maria habe geküßt?
 quem acha Hans Maria tem beijado
 ‘Quem o Hans acha (que) a Maria beijou?’

Observe as representações estruturais de (105a-b) em (106 a-b):

- (106) a. *

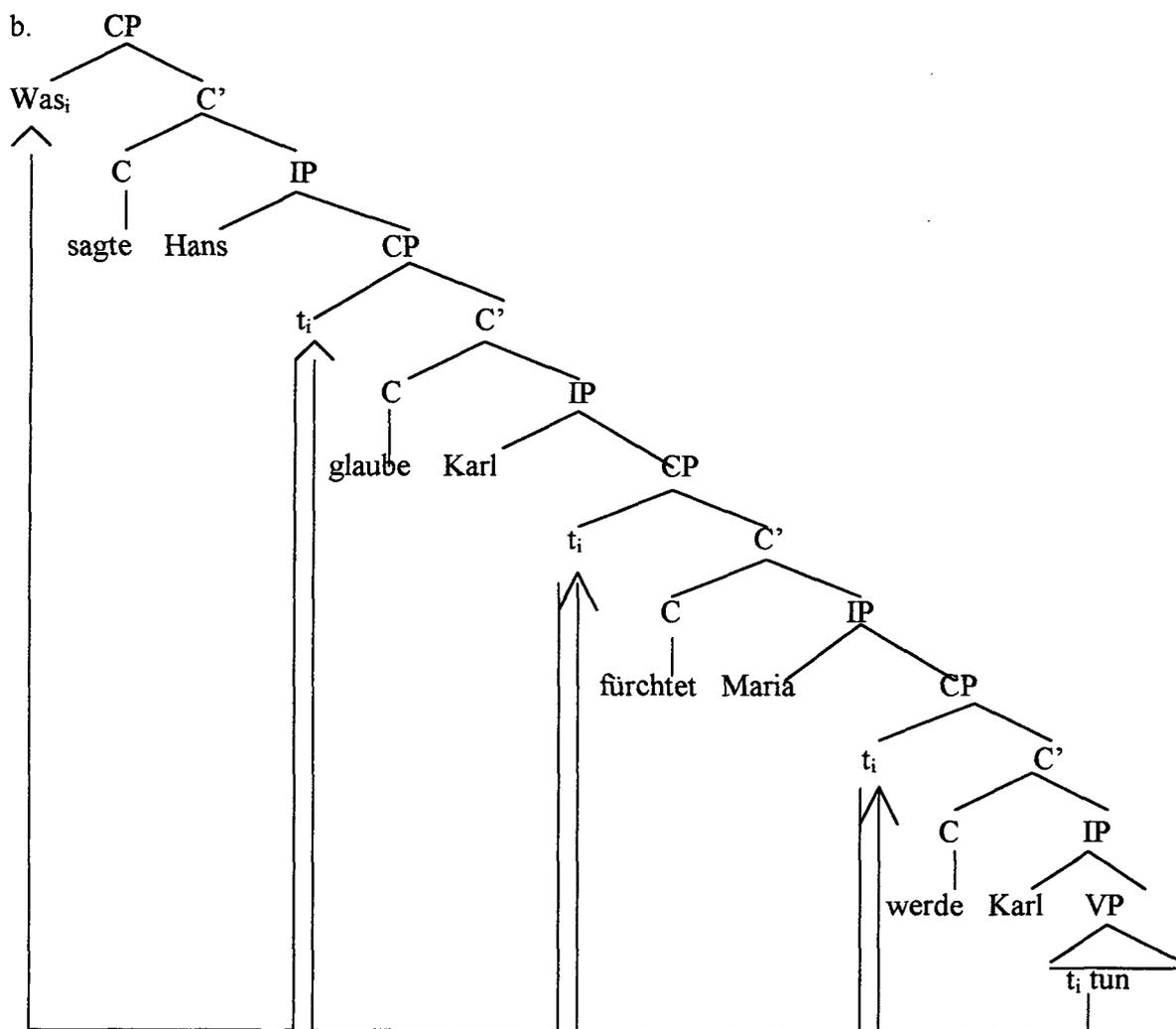


b. *



Note que em (105a) o [Spec,CP] inferior foi ocupado pelo elemento-Wh *wer* e em (105b) pelo NP *Maria*. Se estes nós intermediários entre a posição de saída e a posição de chegada do movimento-Wh desempenham tal papel na gramaticalidade deste movimento, parece que o próprio movimento-Wh faz uso deles, não deixando, desta forma, a possibilidade de estes nós serem preenchidos por outros elementos. Isto nos leva a crer que o movimento para o [Spec,CP] ocorra de maneira cíclica-sucessiva. Sendo assim, a estrutura superficial de (104c) (repetido em (107a)) seria (107b), detalhes irrelevantes omitidos:

- (107) a. Was, sagte Hans, __glaube Karl, __fürchtet Maria, __ werde Peter tun?
 o que disse Hans acha Karl teme Maria vai Peter fazer
 'O que o Hans disse (que) o Karl acha (que) a Maria teme (que) o Peter faça?'



Um operador-Wh deve ocupar a primeira posição em sentenças raízes (como em (108)), não podendo permanecer *in situ* nas sentenças encaixadas (como em (109a)) nem no [Spec,CP] da sentença encaixada (como em (109b)).

(108) a. Wer hat das getan?
 quem tem isto feito
 'Quem fez isto?'

b. Wer_i meinst du [_{CP} t_i' hat [_{IP} t_i das getan]]
 quem pensas tu tem isto feito
 'Quem tu achas (que) fez isto?'

(109) a. *Du meinst [_{CP} hat [_{IP} wer das getan]]
 tu pensas tem quem isto feito
 ‘Quem tu pensas que fez isto’

b. *Du meinst [_{CP} wer_i hat [_{IP} t_i das getan]]
 tu pensas quem tem isto feito
 ‘Tu pensas quem fez isto?’

Uma característica das interrogativas-Wh no alemão é que o elemento-Wh aparece no início da sentença. Assim como em inglês, o elemento-Wh não pode permanecer *in situ* em alemão. Observe os exemplos em (110) e (111).

(110) a. * [_{CP} [_{IP} Mary has seen **who**]]
 Maria Aux viu quem
 ‘Quem a Maria viu?’

b. [_{CP} **Who**_i has_j [_{IP} Mary t_j seen t_i]]
 quem Aux Mary viu
 ‘Quem a Maria viu?’

(111) a. * [_{CP} [_{IP} Maria hat gesehen **wer**]]
 Maria Aux viu quem
 ‘Quem a Maria viu?’

b. * [_{CP} Maria_j hat_i [_{IP} t_j t_i gesehen **wer**]]
 Maria tem visto quem
 ‘Quem a Maria viu?’

c. [_{CP} **Wer**_i hat_j [_{IP} Maria t_j t_i gesehen]]
 quem Aux Maria viu
 ‘Quem a Maria viu?’

Por outro lado, o inglês apresenta a chamada condição de superioridade, que prevê que, na presença de mais de um elemento-Wh (nas chamadas interrogativas múltiplas) aquele que se encontrar numa posição superior na DS poderá se mover até o [Spec,CP], enquanto aquele que estiver numa posição mais baixa permanecerá *in situ* na SS, tornando-se um operador somente através de movimento em forma lógica (Ex. (112)). O alemão não se comporta como o inglês neste caso, mas sim como o espanhol,

não apresentando a condição de superioridade (veja os exemplos de Müller (1992) repetidos em (113)).

(112) a. I wonder [_{CP} who_i C [_{IP} t_i saw what_j]]
 eu me pergunto quem viu o que
 ‘Eu me pergunto quem viu o que.’

b. *I wonder [_{CP} what_j C [_{IP} who_i saw t_j]]
 eu me pergunto o que quem viu
 ‘Eu me pergunto o que quem viu.’

(113) a. Was_i hat [_{IP} wer_j t_i behauptet]
 o que tem quem afirmado
 ‘O que quem afirmou?’

b. Wer_i hat [_{IP} t_i was_j behauptet]
 quem tem o que afirmado
 ‘Quem afirmou o que?’

Como já foi visto, em alemão as sentenças interrogativas-Wh diretas apresentam a ordem V-2 (como as sentenças declarativas), enquanto as sentenças interrogativas-Wh indiretas apresentam a ordem verbo-final. Veja os exemplos em (114).

(114) a. Was *hast* du getan?
 o que tens tu feito
 ‘O que tu fizestes?’

b. (Ich frage mich), was du getan *hast*.
 eu pergunto me o que tu feito tens
 ‘Eu me pergunto o que tu fizestes.’

Rizzi (1991) explica a impossibilidade da subida do verbo em uma sentença interrogativa indireta através do Critério-Wh (em (94)). É necessário que haja uma relação Spec/núcleo entre o operador-Wh e um núcleo [+Wh] em todas as sentenças interrogativas. Em uma sentença interrogativa indireta, como (114b), o verbo da sentença principal seleciona um traço [+Wh] no C complemento. O elemento-Wh não pode permanecer *in situ*, nestes casos, uma vez que ele deve estar em configuração Spec/núcleo com este traço. Então o elemento-Wh se move até o [Spec,CP]. O verbo da

sentença encaixada, por sua vez, não pode ser alçado até C, pois esta posição já se encontra preenchida pelo traço abstrato [+Wh].

Observe alguns exemplos de Kars & Häussermann (1988) em (115).

- | | I | II | | | | | F |
|----------|---|----------|------------|--------|--------------------|-------------------|-----------|
| (115) a. | Warum | mußt | du | mich | immer | an meine Schulden | erinnern? |
| | porque | tens | tu | me | sempre | das minhas culpas | lembrar |
| | ‘Porque tu tens sempre que me lembrar das minhas culpas?’ | | | | | | |
| b. | _____ | Mußt | du | mich | immer | an meine Schulden | erinnern? |
| | | tens | tu | me | sempre | das minhas culpas | lembrar |
| | ‘Tu tens sempre que me lembrar das minhas culpas?’ | | | | | | |
| c. | _____ | Erinnere | mich nicht | immer | an meine Schulden. | | |
| | | lembre | me não | sempre | das minhas culpas | | |
| | ‘Não me lembre sempre das minhas culpas.’ | | | | | | |

Observe que, enquanto o [Spec,CP] é ocupado pelo operador interrogativo nas interrogativas-Wh (como em (115a)), ele não é preenchido no caso de sentenças interrogativas sim/não (como em (115b)) e de sentenças imperativas (como em (115c)). Para os gramáticos tradicionais, nas interrogativas sim/não e nas imperativas o *Vorfeld* permanece vazio. Na teoria gerativa, no entanto, devemos buscar uma explicação para esse fato.

Retomaremos os exemplos de (81) em (116) para introduzir uma discussão importante:

- (116) a. Wenn Ich die Adresse *wüßte*, *würde* ich sie dir geben.
 se eu o endereço soubesse iria eu ele te dar
 ‘Se eu soubesse o endereço, eu te daria.’
- b. *Wüßte* ich die Adresse, *würde* ich sie dir geben.
 soubesse eu o endereço iria eu ele te dar
 ‘Se eu soubesse o endereço, eu te daria.’
- c. *Die Adresse *wüßte* ich, *würde* ich sie dir geben.
 o endereço soubesse eu iria eu ele te dar
 ‘Soubesse eu o endereço eu te daria.’

Uma análise de (116b) faz com que a proposta da existência de um operador nulo nas sentenças chamadas V-1 pareça viável, pois a postulação da presença de tal elemento não-lexical no [Spec,CP] naquelas sentenças em que o verbo finito é alçado até C, evita a presença de qualquer elemento lexical nesta posição. Se dizemos apenas que o [Spec,CP] permanece vazio nas sentenças V-1, tal como a gramática tradicional, como poderemos explicar empiricamente a agramaticalidade de sentenças como (116c)?

Os exemplos em (115) também parecem corroborar a proposta da presença de um operador nulo no [Spec,CP] das sentenças conhecidas, até aqui, como V-1. Se não assumirmos a presença deste operador não-lexical em [Spec,CP], como poderemos explicar a agramaticalidade da presença de qualquer elemento lexical em tal posição?

- (117) *An meine Schulden mußst du mich immer erinnern?
 das minhas culpas tens tu me sempre lembrar
 ‘Tu tens sempre que me lembrar das minhas culpas?’

Segundo Reis & Rosengren (1992), o alemão apresenta construções de “imperativo-Wh”. Nestas construções o elemento-Wh precede o verbo finito em sentenças imperativas. Veja o exemplo em (118b).

- (118) a. Sag mal, wen_i du t_i gesehen hast!
 diga quem tu visto tens
 ‘Diga quem tu vistes.’

- b. Wen_i sag mal, daß du t_i gesehen hast!
 quem diga que tu visto tens
 ‘Diga quem tu vistes.’

(118a) é uma sentença imperativa normal com uma sentença interrogativa encaixada. Em (118b) o elemento-Wh foi movido do [Spec,CP] da interrogativa encaixada para o [Spec,CP] da sentença matriz. Observe que (118b) deveria ser agramatical, pois a sentença matriz deveria apresentar um traço abstrato [-Wh]. Adicionalmente, se um operador nulo está presente nas sentenças imperativas, é bastante surpreendente que algum elemento possa se mover para esta posição.

Resumindo este capítulo, podemos dizer que as sentenças interrogativas-Wh diretas apresentam o elemento-Wh na posição de operador interrogativo (Spec,CP) e o verbo finito na segunda posição (C); enquanto as sentenças interrogativas-Wh indiretas, ou encaixadas, apresentam o elemento-Wh em [Spec,CP] e o verbo na posição final (I). No caso de sentenças interrogativas sim/não e sentenças imperativas, o verbo finito é alçado até C, mas o [Spec,CP] não é preenchido visivelmente.

4.4. AS SENTENÇAS NÃO FINITAS

Segundo a gramática tradicional, um verbo não-finito nunca pode constituir uma sentença. Cada sentença deve conter pelo menos um verbo finito e não precisa apresentar, necessariamente, um verbo não-finito. No entanto, existem expressões que contêm apenas um elemento verbal não-finito (como aquelas unidades sentenciais sem verbo em (7a)).

- (119) Nicht verstanden.
não entendido
'Não entendi.'

Segundo Engel (1988), existem três categorias de verbos não-finitos em alemão: o particípio I, o particípio II e o infinitivo.

4.4.1. Particípio I

Esta forma verbal é formada de um 'd' adicionado à forma infinitiva.

- (120) a. * Die Kuh war *brüllend*.
a vaca estava mugida
'A vaca estava mugindo.'
- b. eine *brüllende* Kuh
uma mugida vaca
'Uma vaca que muge'

O particípio I aparece como atributo em projeções nominais, e é declinado como um adjetivo (veja (120b)). (120a) mostra que o particípio I não pode fazer parte de um complexo verbal. Por apresentar estas características e por não ter efeito sobre a ordem dos constituintes sentenciais (esta forma preenche sempre a posição de um adjetivo), esta forma verbal não-finita não é de importância neste trabalho.

4.4.2. Particípio II

O Particípio II do alemão corresponde ao que chamamos particípio passado. Esta forma o passado composto que foi citado anteriormente por ser mais usado do que o passado simples. Ele pode fazer parte de um complexo verbal ou de uma projeção nominal:

(121) a. Das Parlament hat die Mittel *nachbewilligt*.

o parlamento tem a medida outorgado
'O parlamento outorgou a medida.'

b. der *nachbewilligte* Betrag

a outorgada verba
'A verba outorgada'

4.4.3. As sentenças infinitivas

O infinitivo pode ser usado como parte de um complexo verbal (122a), como complemento de um verbo (122b) ou como atributo de um nome ou de um adjetivo (122c).

(122) a. Hans kann *schwimmen*.

João pode nadar
'O João sabe nadar.'

b. Wir legten eine Pause ein, um *nachzudenken*.

nós colocamos uma pausa em para pensar
'Nós incluímos uma pausa para pensar.'

c. Die Lust *zu leben*.

a alegria viver
'A alegria de viver.'

Os verbos de complementos infinitivais sempre ocorrem na posição-final, como vemos em (122a).

Em inglês um verbo no infinitivo pode aparecer precedido ou não pela partícula *to*. Também em alemão a partícula *zu* do infinitivo aparece em determinados contextos e em outros não. Veja os exemplos de (123) e (124).

(123) a. Er soll Wein **mitbringen**.
ele deve vinho trazer
'Ele deve trazer vinho.'

b. Er braucht keinen Wein **mitzubringen**.
ele precisa nenhum vinho trazer
'Ele não precisa trazer nenhum vinho.'

(124) a. Ich muß meine Mutter **anrufen**.
eu preciso minha mãe telefonar
'Eu preciso telefonar para a minha mãe.'

b. Ich habe total vergessen, meine Mutter **anzurufen**.
eu tenho totalmente esquecido minha mãe telefonar
'Eu esqueci totalmente de telefonar para a minha mãe.'

Observe que em (123a) e (124a) o infinitivo não é precedido por *zu*, enquanto em (123b) e (124b) o infinitivo é formado com a presença de *zu* (que apresenta-se entre a preposição e o verbo no caso de verbos separáveis).

Segundo Kars & Häusserman (1988) o infinitivo geralmente aparece precedido por *zu*. As exceções são 1) as construções de imperativo anônimo, 2) as comparações, 3) construções com os verbos modais, e 4) construções com os verbos *bleiben* (ficar), *gehen* (ir), *helfen* (ajudar), *hören* (ouvir), *kommen* (vir), *lassen* (deixar), *lehren* (ensinar), *lernen* (aprender) e *sehen* (ver). Com todos os outros verbos, o infinitivo é precedido por *zu*.

Construções como *um...zu*, *ohne..zu* e *anstatt..zu* podem ser usadas com todos os verbos. Veja exemplos em (125).

(125) a. Sie fahren in die Stadt, **um** einkaufen **zu** gehen.
eles foram em a cidade para comprar ir
'Eles foram ao centro para fazer compras.'

- b. Er verließ das Restaurant, **ohne zu bezahlen**.
 ele deixou o restaurante sem pagar
 ‘Ele deixou o restaurante sem pagar.’
- c. Er ist in die Stadt gefahren, **anstatt zu arbeiten**.
 ele Aux em a cidade foi ao invés de trabalhar
 ‘Ele foi para o centro ao invés de trabalhar.’

Segundo Homberger (1989) o infinitivo “puro”, não acompanhado de preposição, não é separado por vírgula (126a), enquanto o infinitivo “estendido” (uma construção como *um zu* por exemplo) funciona como uma sentença subordinada e é separado da sentença raiz através de vírgula (126b).

(126) a. Um acht Uhr begann Helga zu arbeiten.
 às oito horas começa Helga trabalhar
 ‘Às oito horas a Helga começa a trabalhar.’

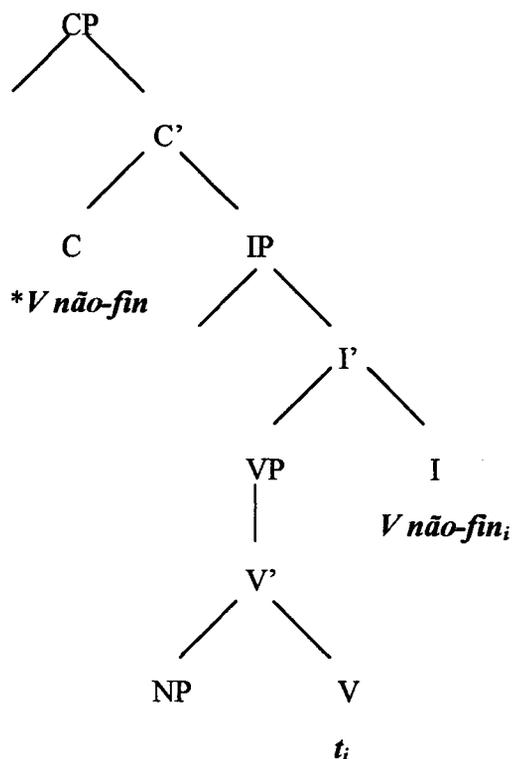
b. Helga ging in ihr Zimmer, um zu arbeiten.
 Helga foi em seu quarto para trabalhar
 ‘A Helga foi para o seu quarto para trabalhar.’

Observe que o infinitivo puro faz parte do complexo verbal da sentença raiz (126a) e que o infinitivo estendido possui um estatuto sintático diferenciado, formando uma sentença encaixada (126b).

No quadro da TRL, podemos dizer que um verbo não-finito pode ocorrer dentro de um VP (ou de um NP) ou, ainda em I, mas nunca em C. Sabemos que a flexão pode apresentar um traço [+finito] ou um traço [-finito]. Um verbo não-finito não pode alcançar a posição C, uma vez que somente a parte verbal finita sofre o fenômeno V-2.

Observe a representação em (127):

(127)



Veja que a estrutura em (127) explica a ordem verbo-final dos infinitivos como complementos sentenciais. Entretanto, a ordem dos verbos não-finitos em complexos verbais parece merecer um estudo mais elaborado.

4.4.4. O Complexo Verbal

Segundo Engel (1988), um complexo verbal apresenta um “verbo central”, que determina o número e o tipo de argumentos e, com isto, determina a estrutura da sentença. O “verbo central” é sempre um verbo principal, e os outros componentes do complexo verbal são verbos subordinados (como os auxiliares e os modais). Existe também a possibilidade de uma construção de complexo verbal com dois verbos principais. Veja um exemplo em (128).

(128) Ich *habe* ihn *kommen* *sehen*.
eu tenho ele vir ver
'Eu o vi vindo.'

Em um complexo verbal composto por dois verbos como (129) fica claro que o verbo principal ocorre como não-finito e o verbo auxiliar como finito.

- (129) Maria *hat* den Staubsauger *gekauft*.
Maria tem o aspirador de pó comprado
'A Maria comprou o aspirador de pó.'

Quando um complexo verbal compreende três ou mais elementos fica mais difícil determinar as relações estruturais existentes entre eles. Os verbos auxiliares são compatíveis apenas com uma forma verbal no particípio passado, e os verbos modais, por sua vez, com um verbo no infinitivo.

- (130) a. Der Brief *ist geschrieben worden*.
a carta é escrito sido
'A carta foi escrita.'
- b. Du *mußt* um acht Uhr hier *sein*.
tu tens as oito horas aqui estar
'Tu tens que estar aqui às oito horas.'

Segundo Engel (1988), em (130a) o verbo auxiliar *sein* seleciona o verbo *werden* no particípio passado que, por sua vez, seleciona o verbo principal *schreiben* no particípio passado. Em (130b) o verbo modal *müssen* seleciona o verbo principal *sein* no infinitivo.

Haegeman & van Riemsdijk (1986) descrevem uma propriedade verbal chamada *Verb Raising* (ou elevação do verbo) que leva o verbo de um complemento não-finito até a esquerda do verbo matriz e forma um *Verb Cluster* (grupo verbal). A análise padrão de *Verb Raising* (VR) é a de Evers (1975). Ele estudou construções com complemento infinitivo em alemão e em holandês e tentou explicar o movimento dos verbos não-finitos nestas construções. Segundo ele, o verbo auxiliar é extraído da sentença complemento e adjungido à esquerda do verbo principal em alemão. Observe os exemplos em (131) e (132).

- (131) a. *daß er *kommen können hätte*.
 que ele vir podido teria
 ‘Que ele poderia ter vindo.’
- b. daß er *hätte kommen können*.
 que ele teria vir podido
 ‘Que ele poderia ter vindo.’
- (132) a. *daß er *kommen wollen können hätte*.
 que ele vir querer podido teria
 ‘Que ele poderia ter querido vir.’
- b. daß er *hätte kommen wollen können*.
 que ele teria vir querer podido
 ‘Que ele poderia ter querido vir.’
- c. daß er *hätte können kommen wollen*.
 que ele teria podido vir querer
 ‘Que ele poderia ter querido vir.’

O verbo principal é o desencadeador do VR. Alguns verbos (como *können* ‘poder’) sempre desencadeiam VR e, nestes casos a extraposição (Extr), deslocamento do verbo à direita, é impossível.

- (133) a. ... weil Cecilia die Vogel *vergiften kann*. (VR)
 porque Cecilia o pássaro envenenar pode
 ‘Porque a Cecilia pode envenenar o pássaro.’
- b. *...weil Cecilia *kann* die Vogel *vergiften*. (Extr)
 porque Cecilia pode o pássaro envenenar
 ‘Porque a Cecilia pode envenenar o pássaro.’

Alguns outros verbos, como *behaupten* ‘afirmar’, permitem tanto o VR quanto a extraposição.

(134) a. ...weil Cecilia die Vogel *zu filmen behauptete*. (VR)
 porque Cecilia o pássaro filmar afirmou
 ‘Porque a Cecilia afirmou ter filmado o pássaro.’

b. ...weil Cecilia *behauptete*, die Vogel *zu filmen*. (Extr)
 porque Cecilia afirmou o pássaro filmar
 ‘Porque a Cecilia afirmou ter filmado o pássaro.’

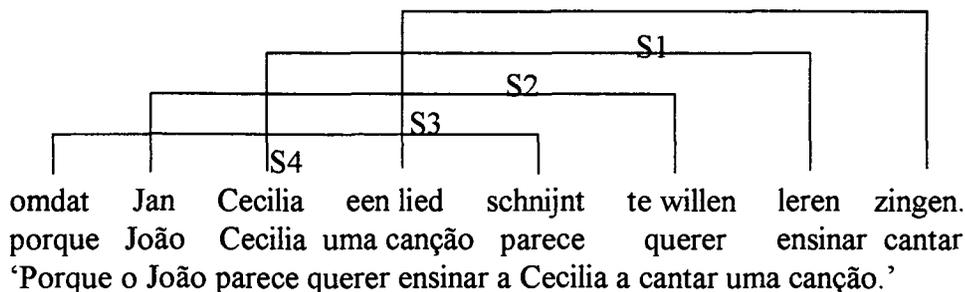
Verbos como *sich weigern* ‘negar-se’ pertencem à classe dos que nunca desencadeiam VR. Neste caso, apenas a extraposição é possível.

(135) a. *...daß sie *sich* uns *zu helfen weigert*. (VR)
 que ela se nos ajudar negou
 ‘Que ela se negou a nos ajudar.’

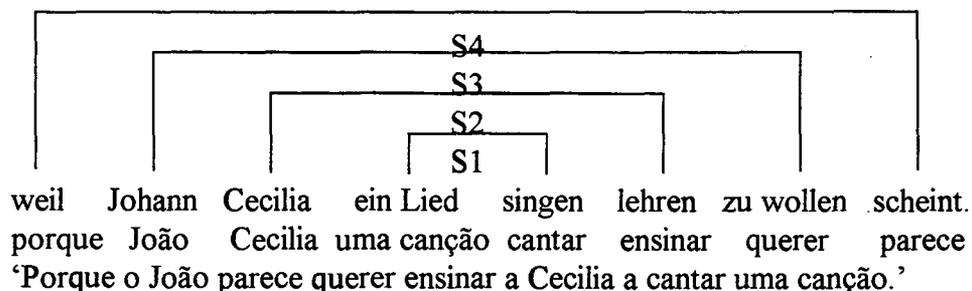
b. ...daß sie *sich weigert*, uns *zu helfen*. (Extr)
 que ela se negou nos ajudar
 ‘Que ela se negou a nos ajudar.’

Evers observou que a repetição de *Verb Raising* resulta em estruturas cada vez menos aceitáveis. Ele sugere que isto possa estar ligado a fatores de desempenho. Além disto, ele observou que em holandês *verb clusters* (grupos verbais) de quatro ou cinco verbos ainda podem soar naturais, enquanto em alemão estes grupos verbais muito extensos parecem inaceitáveis. Esta diferença na aceitação de *verb clusters* extensos em holandês e em alemão parece estar ligada ao modo pelo qual VR afeta a estrutura subjacente nestas duas línguas. Observe que o holandês apresenta uma “ordem respectiva”, enquanto o alemão apresenta uma “ordem reversa” (ou espelhada).

(136)



(137)



Parece que o fato de o alemão apresentar a “ordem reversa”, ou espelhada, determina uma restrição maior na aceitação de *verb clusters* extensos, pois este tipo de construção sobrecarregaria os falantes em termos de memória. Evers (1975) atribui a maior flexibilidade na ordem dos infinitivos alemães em oposição à ordem rígida do holandês ao fato de estas línguas apresentarem as ordens representadas em (136) e (137).

Segundo Schönenberger (1995), a análise de Evers (1975) não dá conta de construções infinitivas duplas (CID) em alemão. Observe o exemplo em (138).

(138) ...daß Moby-Dick *hat* *schwimmen* *können* / **gekonnt*.
que Moby-Dick tem nadar poder podido
'Que Moby-Dick sabia nadar.'

O verbo auxiliar *haben* (*hat* em (138)) seleciona a forma verbal infinitiva *können* ao invés da forma *gekonnt* no participípio passado. Além disto, o verbo finito não ocorre no final da sentença, mas precede os dois verbos não-finitos. A generalização de Evers (1975) não é sustentada pelas construções de infinitivo duplo, pois tal generalização prevê que o verbo finito permaneça no final da sentença.

Den Besten & Edmondson (1983) modificam a regra de *Verb Raising* de Evers a fim de explicar as construções com infinitivo duplo. Eles afirmam que o VR cria um *verb cluster* forte no final da sentença, e uma regra local de inversão atua sobre o verbo finito e o grupo não-finito.

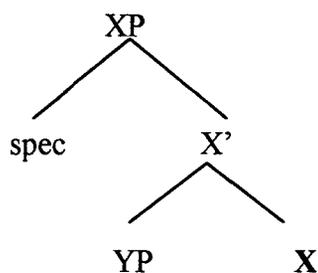
Este capítulo tratou de sentenças não-finitas, destacando as sentenças infinitivas. Os verbos de complementos infinitivos sempre ocorrem na posição final, e são movidos de V até I. Os compostos verbais infinitivos representam um tema bastante polêmico. Me parece que em sentenças como (137) os constituintes não-finitos do composto verbal,

singen, *lehren* e *zu wollen*, não são alçados até I, permanecendo em V, já que o verbo finito *schein* ‘parece’ apresenta-se na posição final (I). A importância desses dados ficará mais clara na discussão do próximo capítulo.

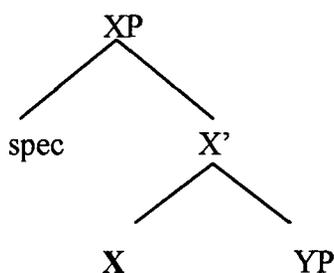
8. ANÁLISE SOV *VERSUS* ANÁLISE SVO

Muitos fenômenos parecem permanecer sem explicação na teoria gerativa na versão LGB, que analisa as línguas germânicas, com exceção do inglês, como apresentando a ordem básica SOV. Alguns destes fenômenos, como a ordem dentro do complexo verbal, entre outros, acabaram produzindo uma nova abordagem dentro do Programa Minimalista de Chomsky (1992). Uma questão central dentro desta abordagem é se uma distinção tipológica na ordem básica das línguas é necessária. Supondo que a resposta a esta questão seja negativa, esta abordagem assume todas as línguas apresentando a ordem básica SVO. Assim, o alemão e as demais línguas germânicas V-2 serão analisadas como línguas de verbo (e flexão) núcleo-inicial. Observe a representação nos termos da Teoria X-barrada da estrutura profunda de línguas V-2 assumidos pela análise *standard* (139a) e pela abordagem minimalista (139b).

(139) a. SOV



b. SVO



Mas se o alemão parte da mesma ordem subjacente que o inglês e o português, como explicar as sentenças encaixadas que, exceto no caso daquelas selecionadas por *bridge-verbs*, sempre apresentam o verbo como o último constituinte?

Kayne (1993) assume a anti-simetria e propõe que todas as línguas no mundo têm a estrutura subjacente Sujeito-Verbo-Objeto (SVO) e, que qualquer diferença aparente na ordem dos constituintes nas diferentes línguas é resultado de movimento. Uma das propostas centrais do trabalho de Kayne é a afirmação de que o movimento sempre se dá à esquerda.

Nos primeiros trabalhos produzidos dentro do quadro minimalista, a ordem verbo-final nas sentenças encaixadas no alemão é uma ordem derivada. Para explicar a possibilidade desta ordem, estipulou-se que o objeto sempre sofre um movimento chamado *scrambling* antes de *Spell-out*, que o alça para uma posição superior na estrutura (mais precisamente a posição [Spec,AgrOP], ou seja a posição de concordância do objeto). Veja a representação em (140).

(140) S [AgrOP O_i [V t_i]]

Existem três análises diferentes do fenômeno V-2: a análise “simétrica”, a análise de “V-2 dentro de IP” e a análise “assimétrica”.

A análise gerativa tradicional, SOV, é chamada de análise simétrica, pois determina que todas as sentenças em alemão são CPs, uma vez que assume que o núcleo de C sempre deve ser preenchido nesta língua. Nesta análise, o verbo finito sempre se move para C nas sentenças principais, e o constituinte que o precede encontra-se na posição de especificador de CP.

Diesing (1990) sugere uma análise de “V-2 dentro de IP” que postula que todas as sentenças em alemão são IPs. No entanto, ela diferencia o estatuto argumental da posição [Spec,IP]: se esta posição é preenchida por um NP-sujeito, a autora a considera uma posição-A; se ela é preenchida por um NP não-sujeito, a autora a considera uma posição-A’.

A análise SVO, por sua vez, é chamada de análise assimétrica e é contra a generalização do movimento do verbo para C. Zwart (1993) efetuou uma análise minimalista da sintaxe do holandês, tentando mostrar que esta língua é núcleo-inicial. O holandês é uma língua que, assim como o alemão, era considerada pela análise tradicional de LGB como apresentando o IP e o VP núcleo-finais e a ordem SOV. Segundo Zwart, o fato de alguns movimentos alcançarem C em alemão e em holandês não permite concluir que todos os movimentos nesta língua alcancem C. Cada movimento até C deve ser motivado independentemente em termos de eliminação de traços funcionais. Para Zwart, uma sentença V-2 pode ser um CP ou um IP, dependendo da natureza do NP que

precede o verbo finito. Zwart concorda que o movimento dos tópicos e dos elementos-Wh alcançam o domínio de C (como em den Besten 1977), assumindo que o CP apresente traços [+tópico] e [+Wh], mas discorda que o movimento do sujeito que introduz sentenças principais atinja o domínio de C. Para ele, os traços de tempo e de concordância, que desencadeiam o movimento do verbo e do NP nas sentenças principais introduzidas pelo sujeito, estão representados em T e AgrS. A adjacência do sujeito e do verbo finito indica que eles estão em configuração Spec-núcleo em uma categoria funcional, presumivelmente AgrS.

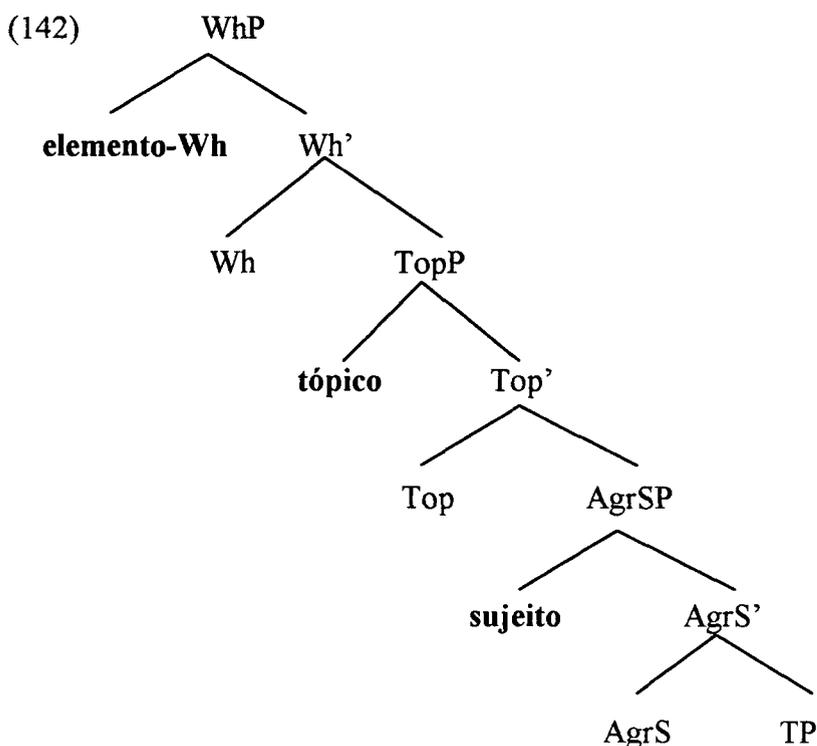
Isto significa dizer que se o NP que precede o verbo finito em uma sentença V-2 for um sujeito movido à distância (isto é, de uma sentença que esteja abaixo na estrutura), ou ainda um objeto topicalizado ou um elemento-Wh, a sentença V-2 será um CP. Mas se o NP que precede o verbo finito em uma sentença V-2 corresponde ao NP-sujeito desta mesma sentença, então ela será um IP.

Esta distinção foi elaborada devido à noção de posição argumental (posição-A) e de posição não argumental (posição-A'). O fato é que a posição canônica do sujeito (o Spec de IP) é uma posição-A na medida em que o verbo sempre concorda com o sujeito; no caso do objeto ou do sujeito movido isto não ocorre. Veja os exemplos em (141).

- (141) a. Mein Freund kommt morgen.
 meu amigo vem amanhã
 ‘O meu amigo vem amanhã.’
- b. Mein Auto habe ich schon geputzt.
 meu carro tenho eu já limpado
 ‘O meu carro eu já limpei.’
- c. *Mein Auto hat ich schon geputzt.
 meu carro tem eu já limpado
 ‘*O meu carro eu já limpou.’
- d. Mein Freund, glaube ich, kommt morgen.
 meu amigo acho eu vem amanhã
 ‘O meu amigo, eu acho que vem amanhã.’
- e. * Mein Freund glaubt ich kommt morgen.
 meu amigo pensa eu vem amanhã
 ‘*O meu amigo, eu acha que vem amanhã.’

Em (141a) o verbo concorda com o NP sujeito (que o precede). Em (141b) o verbo ainda concorda com o sujeito (que desta vez não o precede) e, desta forma, não concorda com o objeto que o antecede. E em (141c) o verbo matriz ainda concorda com o sujeito matriz, não concordando com o sujeito movido *mein Freund*. Segundo Rizzi (1991a) os sujeitos movidos à distância comportam-se como os objetos topicalizados e, como eles, ocupam posições-A'.

Além de sugerir uma distinção entre as sentenças principais com ordem SVO *versus* as topicalizações e as construções-Wh, Zwart (1993) assume que sentenças principais introduzidas pelo sujeito, topicalizações e construções-Wh são todas de categorias diferentes. Para ele, as sentenças principais introduzidas pelo sujeito são AgrSPs, as topicalizações são TopPs e as construções-Wh são WhPs. Isto significa que ele assume a análise de Müller e Sternefeld (1990), conhecida como “hipótese do CP desmembrado”, que sugere a divisão do CP em duas projeções distintas, uma envolvendo o movimento-Wh e a outra envolvendo topicalização. Desta forma, Zwart (1993) propõe a estrutura sentencial apresentada em (142).



Esta hipótese parece ser sustentada por uma construção de topicalização simples como (143).

- (143) DIESES BUCH kenne ich nicht.
este livro conheço eu não
'ESTE LIVRO eu não conheço.

Segundo Zwart, a presença do verbo finito *kann* entre o elemento topicalizado *dieses Buch* e o NP-sujeito *ich* leva à conclusão de que as posições de licenciamento do sujeito e do tópico são diferentes.

Para a análise standard, o verbo finito deve se mover até C (o núcleo de CP) nas sentenças principais. Nas sentenças encaixadas, este movimento verbal não ocorre, uma vez que esta posição se encontra preenchida pelo complementizador. Na abordagem minimalista, os verbos finitos devem permanecer preferencialmente dentro do VP na sintaxe aberta, dado o Princípio da Procastinação que diz que todo movimento deve ser adiado por motivos de economia, a menos que a checagem de algum traço seja necessária.

Um dos argumentos de Zwart (1993) a favor da ordem subjacente SVO está baseado no fenômeno *Verb Raising* (discutido no capítulo 7). Ele afirma que certos exemplos de VR recebem uma análise mais simples e mais uniforme se assumimos que a ordem básica é SVO.

A ordem dos verbos em holandês reflete a ordem subjacente, enquanto a ordem do alemão seria a sua imagem espelhada. Segundo Zwart (1993), em holandês não ocorre nenhum tipo de adjunção (nem à esquerda e nem à direita), enquanto em alemão a adjunção se dá à esquerda. Schönenberger (1995) afirma que se a ordem básica destas línguas realmente é SVO, esperaríamos encontrar material interveniente entre os verbos em holandês, mas não em alemão.

Zwart (1993) mostra que se encaramos o alemão como uma língua núcleo-inicial podemos explicar um exemplo simples de VR de maneira mais consistente. Veja o exemplo que ele apresenta em (144).

- (147) a. daß er es haben lesen lernen können möchte.
 b. daß er es möchte haben lesen lernen können.

Schwarz & Vikner (1996) apresentam um quadro comparativo das três análises de V-2.

	POSIÇÃO DO ELEMENTO EM:	
	Sentença V-2 iniciada por NP-sujeito	Sentença V-2 iniciada por NP-não-sujeito
1. Análise simétrica (Schwarz & Vikner, 1996)	Spec,CP	Spec,CP
2. Análise de V-2 dentro de IP (Diesing, 1990)	Spec,IP	Spec,IP
3. Análise assimétrica (Zwart, 1993)	Spec,IP	Spec,CP

Clahsen & Smolka (1986) utilizaram evidências psicolinguísticas para verificar qual das análises parece mais adequada levando em conta o processo de aquisição do paradigma verbal do alemão como língua materna (L1). Para tanto eles procuraram evidências que demonstrassem o estatuto não marcado ou na ordem SOV ou na ordem SVO. Eles previram que se a ordem SVO fosse a ordem subjacente do alemão, então as seguintes premissas deveriam ser confirmadas:

- (a) SVO deveria ser o esquema sentencial canônico na fala das crianças
- (b) as crianças deveriam supergeneralizar a ordem SVO, de modo que ela apareceria também nas sentenças encaixadas

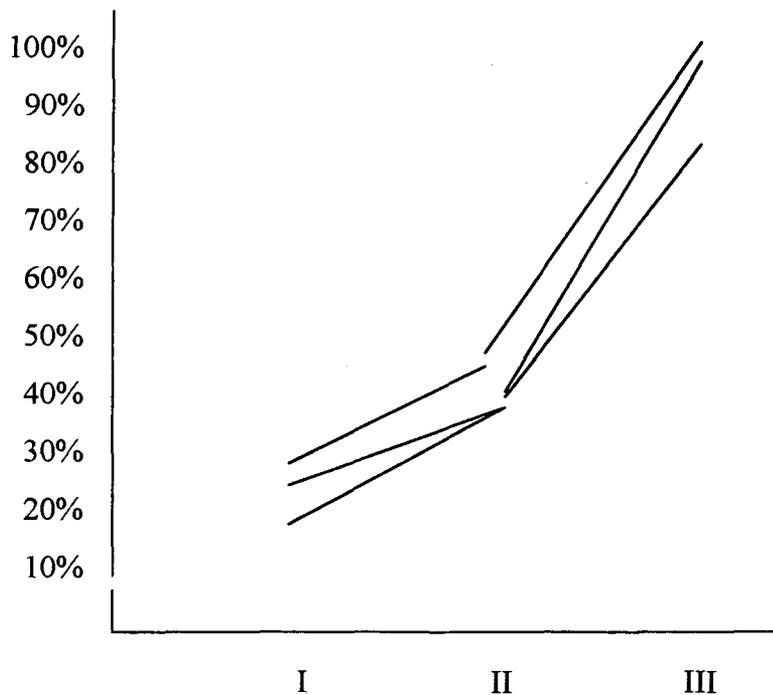
Se, por outro lado, a ordem SOV fosse a ordem subjacente do alemão, então

(a') SOV deveria ser o esquema sentencial canônico na fala das crianças

(b') não deveria haver supergeneralizações da ordem V-2 e V-1 nas sentenças encaixadas

Clahsen e Smolka dividiram o desenvolvimento da aquisição em quatro estágios. Verificou-se que, durante o primeiro estágio, a fala das crianças não apresentou uma ordem fixa. Os elementos verbais apareceram na segunda posição ou (preferencialmente) na posição final. Durante o segundo estágio, as crianças continuaram colocando o verbo na segunda posição ou na posição final, porém os compostos verbais separáveis apareceram regularmente na posição final. No terceiro estágio todos os verbos finitos ocorreram na segunda ou na primeira posição e os compostos verbais separáveis começaram a aparecer de forma descontínua. Tudo indica que no terceiro estágio a criança adquire a regra de *verb fronting* para os elementos verbais finitos. O gráfico de Clahsen e Smolka (1986) mostra o desenvolvimento da aquisição do padrão V-2 entre os estágios I, II e III.

(148)



Este gráfico apresenta o uso do padrão V-2. Nos dois primeiros estágios, o padrão V-2 foi utilizado em apenas 20% a 40% dos casos, crescendo de 40% a 90% entre os estágios II e III. Durante o quarto estágio a criança começa a produzir sentenças encaixadas com o verbo na posição final. Parece muito significativo o fato de a criança não ter dificuldade alguma com a ordem das sentenças encaixadas, uma vez que seria perfeitamente aceitável que elas supergeneralizassem as regras de ordem para as sentenças principais (que elas adquiriram no estágio anterior).

Outro fato interessante é que durante o primeiro estágio a criança ainda não usa as flexões verbais e cria terminações inexistentes durante o segundo estágio. Somente durante o terceiro estágio é que ela incorpora o sistema flexional e deixa de usar aquelas terminações inexistentes. A aquisição das marcas de concordância permite à criança a compreensão da distinção entre verbos finitos e não-finitos. Isto leva a crer que depois de adquirir a noção de finitude, o uso de estruturas V-2 não representa mais nenhum problema para a criança.

Este trabalho demonstrou que as evidências psicolinguísticas não favorecem a análise SVO. Apenas os dados de aquisição do alemão (como L2) por adultos estrangeiros obtidos no trabalho de Clahsen e Muysken (1984) dão evidências que levam ao encontro desta análise, pois os adultos tendem a hipotetizar que o alemão apresente a mesma ordem que a sua língua materna. Concluiu-se, então que a criança tem acesso a princípios da Gramática Universal (GU) quando aprende sua própria língua, e fazem hipóteses mais abstratas do que os adultos que perpetuam as estratégias de aprendizado da língua materna no aprendizado de línguas estrangeiras.

9. CONCLUSÕES

Neste trabalho, eu analisei a ordem dos constituintes no alemão segundo o quadro teórico da TRL. Eu adotei a análise simétrica, que assume o alemão como uma língua V-2, cuja ordem subjacente corresponde a SOV. O VP e o IP alemães são núcleo-finais; tal parâmetro explica a diferença entre uma sentença encaixada no alemão e no português: ambas mantêm a ordem subjacente da língua (SOV para o alemão e SVO para o português). No caso das sentenças raízes, a do português continua apresentando a ordem SVO, enquanto a do alemão sofre o fenômeno V-2 que altera a ordem subjacente SOV, elevando o verbo finito da posição final (I) até C e topicalizando algum NP (veja (54)), resultando na ordem SVO.

Na língua portuguesa o CP é projetado apenas em sentenças encaixadas e em interrogativas, as sentenças principais declarativas são IPs. O CP alemão possui propriedades bem particulares: ele sempre é projetado, até mesmo em sentenças principais declarativas. Além disto, o CP alemão sempre deve ser preenchido: na ausência de um complementizador o fenômeno V-2 é acionado e o verbo finito é alçado até C, sendo obrigatória também a presença de algum constituinte em [Spec,CP].

Nas sentenças interrogativas sim/não e nas sentenças imperativas o verbo finito é alçado até C, porém a regra de topicalização não ocorre e, normalmente, o [Spec,CP] permanece vazio (não apresenta nenhum elemento lexicalmente realizado).

Alguns autores, como Zwart (1993), têm defendido uma análise denominada “assimétrica” por distinguir as sentenças V-2 iniciadas por NP-sujeito daquelas iniciadas por NP não-sujeito: as primeiras seriam IPs e as últimas CPs. Esta análise assume, ainda, que a ordem subjacente do alemão é SVO.

Os dados de aquisição da linguagem estudados por Clahsen & Smolka (1986) corroboram a análise simétrica, uma vez que nenhuma supergeneralização da ordem V-2 foi encontrada em sentenças encaixadas. Se a ordem subjacente do alemão fosse SVO e a ordem SOV em sentenças encaixadas fosse gerada por um movimento ascendente do objeto, como afirma Zwart, então deveriam ter sido encontradas ocorrências da ordem SVO em sentenças encaixadas produzidas por crianças que ainda não dominassem tal

regra de movimento. O fato de as crianças não apresentarem nenhuma dificuldade em relação à ordem das sentenças encaixadas leva a concluir que a ordem subjacente do alemão seja SOV e, portanto, a análise simétrica seja o melhor veículo para a descrição e análise da língua alemã.

10.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Belletti, A. (1990) "Generalized Verb-Movement". Université de Genève.- Scuola Normale Superiore, Pisa.
- Besten, H. den (1977), "On The Interaction of Root Transformations and Lexical Deletive Rules". In: Abraham, W. (ed.) (1983) On the formal Syntax of the Westgermania. Amsterdam, John Benjamins.
- Besten, H. den & Edmondson, J.A. (1983), "The Verbal Complex in Continental West Germanic". In: W. Abraham (ed.) On the Formal Syntax of the West-Germania. 155-216
- Burzio, L. (1986), Italian Syntax: A Government -Binding Approach. Kluwer (ed), Dordrecht.
- Cardinaletti, A. (1990), "Subject/Object Asymetries in German Null-topic Constructions and the Status of Spec,CP". In: Grammar in Progress. Mascaró & Nespor (eds), pp75-78, Dordrecht, Foris.
- Chomsky, N. (1970), "Remarks on Nominalisation". In: Jacobs, R./ Rosenbaum (eds.), Readings in English Transformational Grammar. Waltham, Mass., 184-221.
- Chomsky, N. (1981), Lectures on Government and Binding. Mouton de Gruyter, Berlin.
- Chomsky, N. (1986), Barriers. Cambridge, Mass.
- Chomsky, N. (1986a), Knowledge of Language: Its Nature, Origin, and Use. New York.

Chomsky, N. (1995), The Minimalist Program. MIT Press.

Chomsky, N. & Lasnik H. (1977), "Filters and Control". In: Linguistic Inquiry 8: 425-504.

Clahsen, H. & Muysken (1984), "The Accessibility of Move Alpha and the Acquisition of German Word Order by Children and Adults". GLOW-Colloquium, University of Copenhagen.

Clahsen, H. & Smolka, K.-D. (1986), "Psycholinguistic Evidence and the Description of V-Second Phenomena in German". In Verb Second Phenomena in Germanic Languages, Haider & Prinzhorn (eds.), Foris, Dordrecht.

Diesing, M. (1990), "Verb Movement and the Subject Position in Yiddish". In: Natural Language and Linguistic Theory, 8.1.

Engel, U. (1988), Deutsche Grammatik. Julius Groos, Heidelberg.

Engel, U. (1994), Syntax der deutschen Gegenwartssprache. Erich Schmidt Verlag, Berlin.

Evers, A. (1975), The Transformational Cycle in Dutch and German. Doctoral Dissertation, Utrecht University.

Grewendorf, G. (1988), Aspekte der deutschen Syntax: Eine Rektions-Bindungs-Analyse. Gunter Narr Verlag Tübingen.

Haegeman, L. & van Riemsdijk, H. (1986), "Verb Projection Raising, Scope, and the Typology of Rules Affecting Verbs". In: Linguistic Inquiry 17. 3. 417-466.

Haegeman, L. (1991), Introduction to Government and Binding Theory. Basil

Blackwell, Cambridge.

- Haider, H. (1984) "Topic, Focus and V-second". In: Groninger Arbeiten zur Germanistischen Linguistic (GAGL) 25, 72-120.
- Haider, H. (1986), "V-Second in German". In Verb Second Phenomena in Germanic Languages, Haider & Prinzhorn (eds.), Foris, Dordrecht.
- Homberger, D. (1989), Deutsche Schulgrammatik. Diesterweg, Frankfurt am Main.
- Kars, J. & Häussermann, U. (1988), Grundgrammatik Deutsch. Diesterweg - ÖBV - Sauerländer, Frankfurt am Main - Wien - Aarau.
- Kayne (1993), The Antisymmetry of Syntax. Ms. CUNY, New York.
- Luscher, R. & Schäpers, R. (1982), Deutsch 2000: Gramática da Língua Alemã Contemporânea. Max Hueber Verlag, München.
- Mioto, C. & Figueiredo Silva, M.C. (1995), "Wh que = Wh é que?" In: DELTA, 11, vol.2 pp 301-311.
- Müller, G. (1992), "Beschränkungen für W-in-situ: IP als LF-Barriere*". In Linguistische Berichte 141: 307-349.
- Nieder, L. (1987), Lernergrammatik für Deutsch als Fremdsprache. Max Hueber Verlag, Ismaning.
- Platzack, C.(1986), "Comp, Infl and Germanic Word Order". In: Topics in Scandinavian Syntax . Hellan & Koch Christensen (eds.), Reidel Publishing Company.

- Pollock, J-Y. (1989) "Verb Movement, UG and the structure of IP" in Linguistic Inquiry 20: 365-424.
- Raposo, E. P. (1992), Teoria da Gramática. A Faculdade da Linguagem. Editorial Caminho S.A., Lisboa.
- Reis, M. & Rosengren, I.(1992), "What Do Wh-Imperatives Tell Us About Wh-Movement?"
In: Natural Language and Linguistic Theory 10, 79-118.
- Rizzi, l. (1991a) "Proper Head Government and the Definition of A-positions". In: Glow Newsletter 26, pp 46-47.
- Rizzi, L. (1991b) "Residual verb second and the WH criterion". ms, Université de Genève.
- Schwarz, B. & Vikner, S. (1996) "The Verb Always Leaves IP in V2 Clauses". In: Parameters and Functional Heads: Essays in Comparative Syntax. Edited by Belletti, A. & Rizzi, L. Oxford University Press. New York.
- Schönenberger, M. (1995), "Constituent Order in the VP: Verb Raising and Verb Projection Raising". In: Topics in Swiss German Syntax. ed. by Zvi Penner. Peter Lang A.G., European Academic Publishers, Berne.
- Sternefeld (1982), "Government and V/2 in German". Ms. University Konstanz.
- Stowell, T.A. (1981), Origins of Phrase Structure. Dissertation MIT.
- Thiersch (1978), Topics in German Syntax. MIT-Diss., Cambridge, Mass.

Travis (1984), Parameters and Effects of Word Order Variation. MIT-Diss., Cambridge, Mass.

Weerman (1989) The V2 Conspiracy. A synchronic and diachronic Analysis of Verbal Positions in the Germanic Languages. Foris, Dordrecht.

Zwart, C. J. (1993) Dutch Syntax: A Minimalist Approach. Dissertation. University of Groningen.